

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**DOURADINA MAPEADA - ELABORAÇÃO DE PRODUTOS CARTOGRÁFICOS  
APLICADOS AO ENSINO DE GEOGRAFIA DA LOCALIDADE**

**JÉSSICA BARION MONTEIRO**

**MARINGÁ  
2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**DOURADINA MAPEADA - ELABORAÇÃO DE PRODUTOS CARTOGRÁFICOS  
APLICADOS AO ENSINO DE GEOGRAFIA DA LOCALIDADE**

**JÉSSICA BARION MONTEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial à obtenção do Título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof. Dr. Elza Yasuko Passini

**MARINGÁ  
2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**DOURADINA MAPEADA - ELABORAÇÃO DE PRODUTOS CARTOGRÁFICOS  
APLICADOS AO ENSINO DE GEOGRAFIA DA LOCALIDADE**

**JÉSSICA BARION MONTEIRO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dra. Elza Yasuko Passini**

**Orientadora – Departamento de Geografia – UEM**

---

**Prof. Dra. Angela Maria Endlich**

**Professora Convidada - Departamento de Geografia – UEM**

---

**Prof. Dr. Claudivan Sanches Lopes**

**Professor Convidado - Departamento de Geografia – UEM**

**APROVADA EM 06/11/2012**

*A toda minha família, pelo amor e apoio.*

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração de muitas pessoas. Manifesto meu agradecimento a todas elas, e, de forma particular:

- A toda a minha família, por tudo que sou hoje. Agradeço a minha mãe Helenice, meu pai Orides e meu irmão Lucas, pela força, motivação e apoio durante toda a minha caminhada;

- Ao meu amado Allan, obrigada pelo companheirismo de tantos anos, pela paciência e por todo amor a mim dedicado;

- A todos os meus amigos de longa data (Maiara Cristine de Jesus, Jefferson Vieira, Sarah Priscila dos Santos e Maurício Castro), obrigada pela força e apoio nos momentos de descontração;

- A minha amiga Carina Petsch, fundamental durante toda minha jornada acadêmica e principalmente na realização deste trabalho. Obrigada pelos momentos de descontração, orientação, apoio, e pela amizade dedicada que levarei para o resto da minha vida;

- Ao meu amigo Estevão Pastori Garbin, pelas discussões acadêmicas e pela parceria nos trabalhos e estágios;

- A todos os colegas que fiz durante a graduação que muito contribuíram para a minha formação através das discussões acadêmicas em sala de aula, nas realizações dos trabalhos e nas viagens de trabalho de campo;

- A todos os professores do Colégio Estadual Douradina, bem como professores do departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, que tanto contribuíram para minha formação;

- A minha orientadora professora Dra. Elza Yasuko Passini, obrigada pela dedicação, paciência e incentivo durante a realização deste trabalho;

- A Deus, a cima de tudo, pelo refúgio e por me dar forças para continuar perante as dificuldades.

## RESUMO

Os documentos curriculares oficiais orientam que o ensino de Geografia deve ser iniciado por meio do conhecimento cotidiano do aluno, relacionando a realidade próxima (escala local), com a realidade distante (escala global). O estudo da localidade possibilita ao aluno perceber a Geografia presente no espaço da sua vivência. Desta maneira, os temas estudados tornam-se mais acessíveis e os conceitos básicos desta ciência se constroem. Dentre as dificuldades encontradas pelos professores do ensino fundamental com o estudo da localidade, destacamos a falta de material didático específico. Na tentativa de colaborar para a minimização desse problema, este trabalho propõe a elaboração de um material didático/cartográfico a ser utilizado como recurso pedagógico pelo professor e seus alunos que subsidie o estudo do município de Douradina-PR. Esse suporte que o material em questão pretende proporcionar aos estudos da localidade, pauta-se nos encaminhamentos propostos pelos documentos curriculares oficiais de nível federal e estadual (MEC e SEED). A elaboração deste trabalho fundamentou-se na pesquisa bibliográfica dos estudiosos da Cartografia Escolar, Alfabetização Cartográfica e Prática do Ensino de Geografia, paralelamente ao levantamento de documentos pertinentes a Geografia e História do município de Douradina-PR, como mapas, fotografias, artigos de jornais, entrevistas, etc. De posse dos fundamentos, teórico metodológicos e das informações referentes ao município estudado, delinearam-se os temas e a elaboração dos mapas temáticos. Seguiu-se a teoria da Semiologia Gráfica (Bertin, 1967) para que houvesse avanços nos níveis de leitura e interpretação dos mapas. Esta proposta de material didático deve ser entendida como um recurso complementar ao livro didático e como qualquer outro instrumento de apoio, necessita ser adequado à realidade em cada nível de ensino.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, produtos cartográficos, Geografia da Localidade, Douradina-PR.

## LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 01: A sequência de imagens 1.....	23
Figura 02: A sequência de imagens 2.....	23
Figura 03: Área de reserva.....	24
Figura 04: Foto dos primeiros desbravadores e colonizadores de Douradina.....	27
Figura 05: Foto da primeira missa.....	27
Figura 06: Área onde foram encontrados vestígios de ocupação Xetá.....	28
Figura 07: Foto expedição Xetá 1.....	29
Figura 08: Foto expedição Xetá 2.....	29
Figura 09: Cineasta tcheco Vladimir Kozák ao lado de um índio Xetá.....	30
Figura 10: Mapa de localização do município de Douradina.....	34
Figura 11: Mapa das Mesorregiões Geográficas do Estado do Paraná.....	36
Figura 12: Mapa dos municípios vizinhos de Douradina .....	38
Figura 13: Mapa da área urbana e rural do município de Douradina. ....	41
Figura 14: Hidrografia do município de Douradina. ....	43
Figura 15: Relevo de Douradina.....	45
Figura 16: Curvas de nível do município. ....	47
Figura 17: Uso do solo do Município de Douradina em 1985. ....	50
Figura 18: Uso do solo do Município de Douradina em 2011. ....	51
Figura 19: Zoneamento de uso e ocupação do solo urbano de Douradina. ....	53
Gráfico 01: População Rural e Urbana do município de Douradina.....	39

## LISTA DE SIGLAS

Área de Preservação Permanente.....	APP
Diretrizes Curriculares do Paraná .....	DCP
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	IBGE
Instituto de Terras Cartografia e Geodésia.....	ITCG
Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.....	INPE
Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.....	IPARDES
Lei de Diretrizes e Bases da Educação.....	LDB
Parâmetros Curriculares Nacionais.....	PCN
Serviço de Proteção aos Índios .....	SPI

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 OBJETIVO .....</b>	<b>11</b>
<b>3 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>12</b>
<b>4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>13</b>
<b>4.1 Encaminhamentos para o ensino de Geografia.....</b>	<b>13</b>
<b>4.2 Cartografia como ferramenta no ensino de Geografia.....</b>	<b>14</b>
<b>4.3 Alfabetização Cartográfica e a leitura de mapas .....</b>	<b>15</b>
<b>4.4 O estudo da Geografia da localidade.....</b>	<b>18</b>
<b>5 MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>22</b>
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>24</b>
<b>6.1 Geografia do Município de Douradina.....</b>	<b>24</b>
<b>6.2 Aspectos históricos.....</b>	<b>25</b>
<b>6.3 Os primeiros habitantes .....</b>	<b>28</b>
<b>6.4 Douradina mapeada.....</b>	<b>32</b>
6.4.1 Localizando Douradina .....	33
6.4.2 Mesorregiões Geográficas do Estado do Paraná.....	35
6.4.3 Municípios vizinhos de Douradina.....	36
6.4.4 O campo e a cidade.....	39
6.4.5 Hidrografia.....	42
6.4.6 Relevo.....	44
6.4.7 Curvas de Nível.....	46
6.4.8 Uso do solo.....	48
6.4.9 Zoneamento de uso e ocupação do solo urbano.....	52
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>8 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Geografia Escolar tem como objetivo instrumentalizar o aluno para o exercício da cidadania, possibilitando-lhe formar a noção de pertencimento ao espaço de sua vivência e a construção de noções de paisagem como a integração das relações natureza e sociedade, assim como a percepção das constantes transformações que ocorrem no espaço geográfico.

Desta forma, formar o cidadão significa criar condições para que o aluno se reconheça como sujeito do tempo e do espaço, um conhecimento prévio do mundo e que é capaz de avançar construindo e reconstruindo o seu conhecimento. Essa construção só será possível se o aluno sentir-se parte integrante do espaço geográfico que esteja estudando.

De acordo com os encaminhamentos dos documentos curriculares oficiais<sup>1</sup>, o estudo do lugar deve ser o tema para iniciar a reflexão sobre aprender Geografia, e, para que ocorra uma aprendizagem significativa, é preciso estabelecer um diálogo entre os conteúdos escolares e o cotidiano do aluno.

Para se desenvolver um trabalho com o estudo da localidade, uma das dificuldades encontradas foi a falta de material didático que trate do local vivenciado pelos alunos. Este trabalho produziu um material articulando como conteúdo, a História e Geografia do município de Douradina-PR, e a Cartografia como linguagem, visto que as representações gráficas são uma importante ferramenta para a exploração e apresentação de informações espaciais e que podem ser utilizadas para o desenvolvimento da Geografia da Localidade.

Os mapas e gráficos são os instrumentos significativos neste estudo, uma vez que auxiliam na apreensão e compreensão dos fenômenos permitindo ao aluno entender a espacialidade e a associação dos diferentes lugares. Conforme Bertin (1967) quando o leitor consegue atingir o nível de leitura de síntese passa a entender a organização espacial, a Geografia.

Ao elaborar o material didático, buscou-se criar condições para que os alunos pudessem compreender os conceitos da Geografia presentes em suas vidas. A busca de dados pelos próprios alunos permite-lhes o entendimento dos arranjos espaciais que fazem parte da sua vivência.

---

1 Documentos curriculares oficiais, considerado neste trabalho como os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia, 1998) e as Diretrizes Curriculares de Geografia do Estado do Paraná, 2008.

Em relação às atividades propostas no material cartográfico desenvolvido, estas buscam aprofundar o conhecimento da Geografia da localidade e possibilitar seu entendimento em meio a articulação local-global, passando por diversos níveis escalares.

O estudo da Geografia da Localidade não deve ser entendido como um recorte isolado do espaço local, mas uma articulação que possibilite ao aluno entender o mundo por meio da análise dos acontecimentos vivenciados no seu espaço de vivência. É possível perceber-se o local no global e o global no local e esse trânsito é perceptível quando o aluno consegue fazer a leitura das representações.

É importante salientar que este material deve ser entendido como um recurso pedagógico auxiliar do professor, contudo, como qualquer outro instrumento didático, deve ser adequado à realidade de cada nível de ensino. Embora a sua função seja semelhante à do livro didático, não poderá substituí-lo, pois a concepção de um Material Cartográfico difere do livro didático, centrado no conteúdo. O Material Cartográfico centra-se nas representações e atividades que permitam ao aluno avançar nos níveis de leitura dos mapas.

## 2 OBJETIVO

Este trabalho teve como objetivo elaborar um material pedagógico articulando as informações sobre o Município de Douradina-PR como conteúdo, e, a representação cartográfica como linguagem.

Pretende-se que possa ser utilizado como recurso didático auxiliar dos professores do ensino fundamental (6º a 9º ano) como apoio ao trabalho de sala de aula, permitindo uma aprendizagem significativa da Geografia da localidade.

Articulando de forma dinâmica e interativa a Geografia e a História do Município de Douradina, com a leitura da realidade na perspectiva dos alunos, minimiza-se o nível de abstração, permitindo que o aluno interprete e represente o espaço local. A forma como os fatos da Geografia do mundo estão presentes no espaço local contribui para subsidiar a demanda de conteúdo programático da disciplina de Geografia, considerando a realidade local articulada a realidade - mundo, conforme proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (BRASIL, 1998) e Diretrizes Curriculares de Geografia da Educação Básica do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008).

Espera-se que a produção deste material cartográfico seja um passo inicial para o estudo mais sistematizado do município, podendo vir a ser a base para a construção de um Atlas Municipal, elaborado de forma interdisciplinar, na medida em que o espaço geográfico é interdisciplinar permitindo a leitura com as lentes do historiador, do matemático, do sociólogo, do biólogo, etc. Naturalmente, um projeto de abordagem interdisciplinar exige além de um material didático apropriado, um trabalho colaborativo por parte dos docentes, coordenadores e direção.



### 3 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa buscou sistematizar o estudo da Geografia da localidade, procurando articular as informações obtidas na prefeitura local, e dados do IBGE a uma formulação didática como conhecimentos curriculares educacionais.

Baseado nessas premissas, o presente trabalho é significativo visto que não existe material cartográfico com conteúdo histórico e geográfico, sistematicamente organizado para o uso didático, que possa subsidiar o estudo do município de Douradina, permitindo auxiliar, principalmente professores e alunos, quanto ao processo de contextualização dos temas trabalhados, nas diversas escalas de abordagem (local ao Global).

Além de conter informações atuais e precisas sobre as características geográficas do município, pauta-se na necessidade de fazer com que o aluno compreenda o seu papel no processo de construção do espaço, criando condições de construir a sua identidade e pertencimento ao lugar onde mora. Assim como afirma Callai (2000, p. 84),

a identidade e a dimensão de pertencimento se dão através dos vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens. Desta maneira, faz com que nos sintamos parte do espaço no qual estamos inseridos, pois a construção deste é a nossa própria história, nossos hábitos, nossos usos, ou seja, nossa cultura. Assim, o aluno em contato com um material didático próximo a sua realidade, ele passa a entender as características geográficas de seu município relacionando as informações com outras figuras que representam o lugar, permitindo uma compreensão mais ampla da própria realidade cotidiana vinculando-a assim a outras escalas de análise.

As habilidades e competências pretendidas com o desenvolvimento deste trabalho permitirão a formação de conceitos fundamentais da ciência geográfica, baseados na apreensão da realidade local de forma mais aprofundada possível, usando uma variedade de fontes e de informações, com empenho de representar diferentes realidades presentes na situação social investigada. Desta forma, pretende-se que este seja um importante recurso didático para ser utilizado no estudo da localidade, possibilitando melhores resultados no processo de ensino/aprendizagem das aulas de Geografia.

## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 4.1 Encaminhamentos para o ensino de Geografia

O ensino de Geografia exige um instrumental específico para a construção de conceitos que precisam ser tratados de forma particular. São habilidades e competências relacionadas ao caráter procedimental que perpassam outras áreas do conhecimento, sendo necessário o desenvolvimento de estratégias específicas para a apresentação destes conteúdos.

No tratamento dos conceitos, dimensões de análise e objeto de estudo da Geografia, os documentos curriculares oficiais trazem algumas orientações. O ensino da Geografia deve fundamentar-se em um corpo teórico-metodológico baseado nos conceitos de natureza, paisagem, espaço, território, região, rede, lugar e ambiente. Incorporando a esses conceitos, as dimensões de análise devem contemplar tempo, cultura, sociedade, poder e relações econômicas e sociais, tomando como referência, os pressupostos da Geografia como ciência que estuda as formas, os processos, as dinâmicas dos fenômenos que se desenvolvem por meio das relações entre a sociedade e a natureza, constituindo o espaço geográfico (BRASIL, 2006, p. 43).

No que se refere ao ensino fundamental, é importante considerar as categorias da Geografia mais adequadas às capacidades dos alunos, assim, “espaço” deve ser o objeto central de estudo, e as categorias “território”, “região”, “paisagem” e “lugar” devem ser abordadas como seu desdobramento (BRASIL, 1998, p. 27).

É fundamental, portanto, ao ler o espaço geográfico, relacioná-lo à paisagem, ao lugar, ao território, à região, enfim, promover a circulação entre as interfaces dos conceitos geográficos. A representação e a leitura dos fenômenos geram a capacidade de interpretá-los, compreendê-los e compará-los a outros, numa análise social cuja escala pode ser local, nacional, regional, global, já que o mundo se encontra em todos os lugares (CALLAI, 2004).

As Diretrizes Curriculares do Paraná (2008) trazem encaminhamentos para o ensino de Geografia para que os alunos se apropriem dos conceitos fundamentais da Geografia e compreendam o processo de produção e transformação do espaço geográfico em todas as escalas, analisadas em função das transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que marcam o atual período histórico. Para isso, os conteúdos da Geografia devem ser trabalhados de forma crítica e dinâmica, interligados com a realidade próxima e distante dos alunos.

Ao trabalhar a formulação de conceitos, é necessário ter como ponto de partida os saberes cotidianos locais do aluno adquiridos em suas experiências. O conhecimento espontâneo deve ser sistematizado para o desenvolvimento em conhecimentos científicos no sentido de superar o senso comum por meio de generalizações que a educação formal propicia.

Neste estudo, a linguagem cartográfica é considerada como importante meio para ampliar e aprofundar o conhecimento da localidade e desenvolver a cidadania, a formação do leitor eficiente, formado por meio do processo de construção de estruturas e conhecimentos que permitirão o avanço nos níveis de leitura e interpretação de mapas cada vez mais complexos, numa proposta de Alfabetização Cartográfica.

## **4.2 Cartografia como ferramenta no ensino de Geografia**

No Brasil, diversos pesquisadores vêm desenvolvendo suas pesquisas dentro do enfoque do ensino da Geografia, mais especificamente de Cartografia Escolar, como Almeida (1991 e 1994), Almeida e Passini (2006), Castrogiovanni (1999), Martinelli (1998), Oliveira (1978), Passini (1994), Simielli (2007) entre outros.

A Geografia constitui-se numa ciência fundamental para a reflexão e o entendimento da realidade na qual o aluno está inserido. Desta maneira, ela auxilia o educando na compreensão do seu espaço, ajudando-o a construir conceitos, sistematizar seus conhecimentos e a assimilar os produtos científicos da humanidade (SOUZA e KATUTA, 2001, p.33).

A Cartografia é uma importante ferramenta que auxilia neste estudo, pois através da representação cartográfica, é possível interpretar e compreender as transformações que ocorrem na organização e utilização do espaço geográfico. Para Simielli, “Os mapas nos permitem ter domínio espacial e fazer a síntese dos fenômenos que ocorrem em um determinado espaço” (2007, p.95).

Segundo Milton Santos,

A Cartografia representa um recurso fundamental para o ensino e a pesquisa da Geografia. No caso das séries iniciais, o seu processo ensino-aprendizagem propicia ao educando o desenvolvimento de seu espírito investigativo, ao mesmo tempo em que estabelece sua comunicação corporal, afetiva e social com os elementos do espaço geográfico (SANTOS, 1997).

Os conteúdos propostos pela Geografia articulam teoria e prática como forma eficaz para construir os seus saberes, levando os sujeitos a terem uma visão crítica do seu espaço em um contexto histórico e social, podendo atuar mais conscientemente no espaço geográfico. A linguagem cartográfica pode ser um importante instrumento para a construção desses saberes. O mapa serve para exercer o poder e, portanto, serve também para construir a autonomia. Deste modo, a educação cartográfica se torna uma peça fundamental no entendimento do espaço, já que “ler e escrever, em Geografia, exige domínio da linguagem cartográfica [...] e a formação do cidadão não é completa se ele não domina a linguagem cartográfica, se não é capaz de usar um mapa” (ALMEIDA, 2003, p.18).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, e as Diretrizes Curriculares do Paraná – DCP, no que diz respeito à Educação Cartográfica, reconhecem a Cartografia como uma linguagem que proporciona a representação espacial dos fenômenos geográficos e orientam sobre a importância da utilização da Cartografia nas aulas de Geografia não apenas como um conteúdo programático específico de uma série ou unidade de estudo, mas como uma habilidade a ser desenvolvida ao longo de toda a formação escolar.

### **4.3 Alfabetização Cartográfica e a leitura de mapas**

Neste trabalho será abordado o termo Educação Cartográfica bem como Alfabetização Cartográfica<sup>2</sup> como um processo de construção de estruturas e conhecimentos favorecedores da leitura e interpretação de mapas, ou seja, a metodologia que procura alfabetizar para a utilização da linguagem cartográfica, respeitando uma estrutura, a gramática gráfica, na utilização significativa do seu alfabeto e os signos cartográficos (PASSINI, 1994).

Para Almeida e Passini (2006),

o mapa é uma representação codificada de um determinado espaço real. Podemos até chamá-lo de um modelo de comunicação, que se vale de um sistema semiótico complexo. A informação é transmitida por meio de uma linguagem cartográfica que se utiliza de três elementos básicos: sistema de signos (legenda), redução (escala) e projeção (ALMEIDA, PASSINI, 2006, p.15)

Segundo Almeida e Passini (2006, p.17), ler mapas é um processo que começa com a decodificação. Desta forma, as autoras apresentam procedimentos básicos que envolvem três etapas metodológicas que devem ser respeitadas para que haja uma leitura eficaz dos mapas.

---

<sup>2</sup> Termo inicialmente utilizado pela Dra. Livia de Oliveira em sua Tese de Livre Docência, 1978.

Primeiramente deve-se iniciar uma leitura pela observação do título a fim de saber qual é o lugar representado, seus limites, suas informações. Depois é preciso observar a legenda ou a decodificação propriamente dita, relacionando os significantes (símbolos) e os significados (mensagem) dos signos relacionados na legenda. Por último, deve-se observar a proporção dos fenômenos através da escala, que possibilita o cálculo das distâncias e, portanto, uma série de confrontações e interpretações.

Para Castrogiovanni (1999) para que o aluno seja um leitor de mapas, é necessário que as noções de proporcionalidade, projeção, orientação, localização, significado e significante dos signos cartográficos, sejam devidamente construídas através da Alfabetização Cartográfica.

Segundo este autor, a proporcionalidade é a noção real de escala, uma relação de razão e proporção que se estabelece entre o real e a representação. A projeção é o processo escolhido para transpor o real tridimensional de forma geoidal para o plano bidimensional. A relação significante e significados dos signos cartográficos são os elementos que compõem a legenda e devem aproximar-se o máximo possível do real. A orientação e localização é o “lugar” do espaço representado, o “endereço” do espaço a partir das coordenadas geográficas.

Os pontos de referência para a localização são todos os elementos que auxiliem com maior clareza na situação dos fenômenos representados. Os limites e fronteiras são a espacialidade, o território geométrico do espaço representado, são os seus “vizinhos” e a área que ocupa. (CASTROGIOVANNI, 1999, p.36).

Por Alfabetização Cartográfica, entende-se que o ensino de mapas, na construção de noções espaciais e sua representação, devem ter a mesma seriedade e preocupações metodológicas que o ensino da língua escrita e falada, assim como da linguagem matemática (PASSINI, 1994).

Simielli (2007) em suas pesquisas relacionadas à Cartografia e ensino, diz que é preciso diferenciar o uso dos produtos cartográficos nas diferentes faixas etárias.

Considerando-se o fato de que o ideal é trabalhar com diferentes mapas para diferentes usuários, principalmente nas várias faixas etárias, proponho para o ensino fundamental, para alunos de 1ª a 4ª série, trabalhar basicamente com a alfabetização cartográfica, pois este é o momento em que o aluno tem que iniciar-se nos elementos da representação gráfica para que possa posteriormente trabalhar com a representação cartográfica, pois este é o momento em que o aluno tem que iniciar-se nos elementos de representação cartográfica. (SIMIELLI, 2007, p.95).

A autora também aponta que embora na 5ª e 6ª séries (ou 6º e 7º ano), o aluno ainda trabalhe com Alfabetização Cartográfica, ele já passa a criar condições de estar trabalhando

com análise/localização e com a correlação. Já no ensino médio, o aluno apresenta condições para trabalhar com análise/localização, a correlação e com a síntese.

A Cartografia se apresenta como um recurso visual muito utilizado nas aulas de Geografia, e segundo Simielli (2007) oferece aos professores a possibilidade de se trabalhar em três níveis: o primeiro é a “Localização e análise” que são cartas de análise, distribuição ou repartição, que analisam o fenômeno isoladamente. O aluno localiza e analisa um determinado fenômeno no mapa. Este nível pode ser compreendido por alunos de 5ª a 8ª série e ensino médio. O segundo nível é a “Correlação” que permite a combinação de duas ou mais cartas de análise. O aluno correlaciona duas, três ou mais ocorrências. Este nível também pode ser compreendido por alunos de 5ª a 8ª série e ensino médio. O último nível é a “Síntese” que mostra as relações entre várias cartas de análise, apresentando-se em uma carta síntese. O aluno analisa, correlaciona aquele espaço e faz uma determinada síntese de tudo. Este nível é compreendido apenas por alunos do ensino médio.

O uso dos mapas no ensino de Geografia é imprescindível, porém, os mapas devem ser analisados a partir da sua base cartográfica e não como se fossem meras ilustrações. Portanto, a linguagem cartográfica é a comunicação de um conteúdo. Assim como cita Souza & Katuta,

é preciso que se tenha claro que ele não deve se resumir ao ensino do mapa. Pelo contrário, o uso desse meio de comunicação deve estar subordinado a um tema de estudo ou ao entendimento de determinado fenômeno, ou seja, é preciso não confundir o ensino do mapa com o ensino de Geografia, priorizando somente o primeiro (2001, p.131).

O mapa deve ser entendido então como um material que auxilia no entendimento de determinada realidade; caso contrário, o ensino de Geografia poderá se tornar o ensino do mapa pelo mapa, o que coloca em xeque o papel da disciplina no currículo de qualquer série escolar.

#### **4.4 O estudo da Geografia da localidade**

A importância do estudo da localidade vem sendo reiteradamente colocada nas atuais prescrições curriculares e nos diversos documentos oficiais há destaque para o tema. Na prescrição programática dos conteúdos da Geografia escolar, o estudo da localidade constitui um dos objetos do ensino do componente em questão.

Entre os objetivos da Geografia explicitados nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o terceiro e quarto ciclos, estão: “reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social” (BRASIL, 1997). Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, “os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada (...) por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (BRASIL, 1996). Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o terceiro e quarto ciclos, consideram que “a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho” e que é fundamental “que esse estudo permita compreender como o local, o regional e o global relacionam-se nesse espaço” (BRASIL, 1997).

O espaço geográfico deve ser compreendido como resultado da integração entre dinâmica físico-natural e dinâmica humano-social, e estudado a partir de diferentes níveis de escalas de análise. De acordo com as Diretrizes Curriculares do Paraná a realidade local e paranaense deverá ser considerada, sempre que possível nas aulas de Geografia. Os conteúdos devem ser espacializados e tratados em diferentes escalas geográficas, com uso da linguagem cartográfica - signos, escala e orientação (PARANÁ, 2008, p. 93).

O ensino da Geografia da localidade, busca utilizar o conhecimento baseado no senso comum, na experiência vivida pelos alunos, e avançar para um conhecimento sistematizado a respeito da realidade vivida. Essa proposta pode representar um salto de qualidade na formação do sujeito em interação no cotidiano escolar.

Callai & Zarth (1988) falam da importância em estudar o município, pois

Ali estão o espaço e o tempo delimitados, permitindo que se faça a análise de todos os aspectos da complexidade do lugar. [...] É uma escala de análise que permitem que tenhamos próximos de nós todos aqueles que expressam as condições sociais, econômicas, políticas do nosso mundo. É uma totalidade considerada no seu conjunto, de todos os elementos ali existentes, mas, que, como tal, não pode perder de vista a dimensão de outras escalas de análises. (1988, p.11).

Neste contexto, a dimensão de todas as escalas de análise, deve estar inserida na prática educacional, pois possibilita a reflexão e a construção efetiva dos almejados conceitos básicos. É importante ressaltar que o estudo do lugar deve possibilitar a direta relação com a totalidade. Deste modo, para se entender um espaço próximo deve-se observar suas relações com outros espaços, em diferentes escalas. Assim, o ponto de partida deve ser esta inter-relação entre o lugar e o global. O aluno, analisando o espaço local, o concreto, terá condições de refletir, de construir conceitos e assimilar a interdependência dos lugares.

Segundo Callai (1999) o estudo do município apresenta pelo menos duas vantagens:

o aluno tem condições de reconhecer-se como cidadão em uma realidade que é sua vida concreta, apropriando-se das informações e compreendendo como se dão as relações sociais e a construção do espaço. A outra vantagem é pedagógica, pois, ao estudar algo que é vivenciado pelo aluno, são muito maiores as chances de sucesso, de se tornar um aprendiz mais conseqüente (1999, p.79).

Portanto, o estudo do município é capaz de possibilitar ao aluno reconhecer-se como cidadão, como parte integrante da sociedade na qual está inserido. Isto é fundamental para a efetiva formação do aluno consciente e crítico.

Analisar os acontecimentos do cotidiano, do espaço vivido pelo aluno, impedem que o estudo da Geografia caia na abstração desvinculada da realidade. Portanto, no preparo para o efetivo exercício da cidadania deve-se conhecer e entender a realidade na qual se esteja inserido, ou seja: a local.

Os Parâmetros Curriculares trazem a preocupação de que não se deve trabalhar do nível local para o global hierarquicamente, o objetivo é superar a prática dos círculos concêntricos que delimitam o ensino de Geografia, primeiramente pela apreensão da casa, do bairro e posteriormente da cidade e só mais tarde aos acontecimentos de ordem global, já que a realidade local se relaciona constantemente com o contexto global.

Santos (2006) chama a atenção para o fato de que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Mas cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais”. Daí o necessário cuidado para não se cair numa análise simplista do lugar, como meras frações que, somadas, compõem o global. Em outras palavras, para se entender o lugar em que se vive “não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte” (SANTOS, 2006, p. 314).

Se o aluno não compreende a forma como o espaço onde vive está organizado, não conseguirá agir nele e muito menos conseguirá construir sua identidade com o local. É importante destacar que não se trata de abordar apenas a escala local, dependendo da abrangência geográfica do fenômeno e do objetivo pedagógico do professor, faz-se necessário ampliar as escalas de análise, elemento fundamental para o entendimento da espacialidade dos fenômenos.

É neste sentido que se percebe a importância do estudo do “local” como ponto de partida para a construção dos conceitos geográficos e o necessário movimento do pensamento em outras escalas a fim de que se possa compreender a espacialidade dos fenômenos, sobretudo em um mundo globalizado.



## 5 MATERIAIS E MÉTODOS

A elaboração deste trabalho passou por quatro etapas. A primeira foi o levantamento bibliográfico referente a investigação da Cartografia Escolar, Alfabetização Cartográfica e prática do ensino de Geografia. A segunda etapa se remeteu ao estudo a respeito da Geografia e História do município, através do levantamento de material, como mapas, fotografias, artigos de jornais, entrevistas, etc. Na terceira etapa, definiram-se os temas dos mapas para a confecção do material didático. Na última fase, foram confeccionados os mapas temáticos.

Os mapas foram elaborados com base na Semiologia Gráfica (Bertin, 1967), de maneira que o mapa deixa de ser concebido como um código baseado em um sistema de convenções internacionais para entrar no domínio do sistema semiológico monossêmico da informação, baseado no raciocínio lógico.

A Semiologia Gráfica apresenta princípios para a construção de gráficos e mapas obedecendo a regras específicas de percepção visual, essa teoria é considerada a “gramática” da Cartografia Temática e contempla o estudo da construção de representações gráficas e do tratamento gráfico dos dados de uma informação.

Os procedimentos de manipulação dos dados e tratamento gráfico da informação oferecem aos alunos e professores a oportunidade de construir, em conjunto, os documentos gráficos de forma lúdica e interativa. Essas vantagens são apontadas por Bertin e Gimeno (1982):

Os métodos gráficos permitem conduzir crianças e professores a descobrir eles mesmos, as bases da semiologia gráfica, aplicá-las à Cartografia, definir os elementos de apreciação de cada desenho, descobrir as diferentes utilidades do mapa e fazer da aula de Cartografia não somente uma atividade pedagógica fundamental, mas também uma aula alegre (Bertin e Gimeno, 1982).

A quantidade e o tipo de informações a serem representados em um mapa devem estar de acordo com seu objetivo. Desta forma, para mapas com objetivos educacionais indica-se redução na quantidade de elementos e isolamento do fenômeno de interesse, além de um estilo simplificado, ressaltando os aspectos marcantes da paisagem. Generalização, desenho nítido e o colorido caracterizam a Cartografia para o ensino, além de se levar em conta o nível de ensino a que se destina.

Neste trabalho, foram elaborados 11 mapas com os seguintes temas: Mesorregiões Geográficas do Estado do Paraná, Municípios vizinhos, Localização do município, Área Urbana e Rural, Hidrografia, Curvas de nível, Relevo, Uso do solo de 1985, Uso do Solo de

2011, e Zoneamento de uso e ocupação do solo urbano. Esses temas foram selecionados a fim de relacionar o conteúdo dos livros didáticos com sugestões dos documentos curriculares oficiais, em relação à abordagem do estudo da Geografia.

Os mapas de: localização do município de Douradina (Figura 10), municípios vizinhos (Figura 11) e mesorregiões geográficas do Paraná (Figura 12) foram elaborados com auxílio do *software Corel Draw X3* utilizando a base dos limites políticos-administrativos do Brasil no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e a base do Paraná (arquivo *shapefile*) no site do ITCG (Instituto de Terras, Cartografia e Geodésia), respectivamente.

O mapa de hidrografia (Figura 14) e o mapa da Área urbana e rural do município (Figura 13) foram gerados por meio da vetorização das cartas topográficas de Ivaté (Folha SF.22-Y-C-II-3) e de Nova Olímpia (Folha SF.22-Y-C-II-4) no Sistema de Informação Geográfica (SIG) *Spring 5.06*. Considerando-se que as cartas topográficas já citadas abrangem em média 80% da área de estudo, as curvas de nível e rios do restante do município foram vetorizadas a partir da carta de 1:250.000 (Folha SF.22-Y-C-II).

As curvas de nível extraídas das cartas topográficas e vetorizadas no *Spring 5.06*, gerou o mapa de curvas de nível (Figura 16). Essas curvas foram exportadas em formato DXF para o *software Global Mapper* onde foi gerado e mapa de Relevo (Figura 15)

Para elaboração dos mapas de uso do solo (Figuras 17 e 18) foram utilizadas imagens de satélite *Landsat TM 5* dos anos de 1985 e 2011, extraídas do site do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). As imagens foram georreferenciadas no *Spring 5.06*, onde 12 pontos em comum foram identificados em ambas as imagens em locais dispersos para servir de parâmetro ao programa para que pudesse referenciar todas as partes da imagem. O interpolador utilizado para interpolação das coordenadas dos pontos atribuídos e georreferenciamento das imagens foi o Vizinheiro Mais Próximo, que considera os valores aplicados aos pixels vizinhos ao local já determinado. A classificação das imagens de satélite *LANDSAT TM 5* foi realizada por região, onde se utiliza além da informação de cada pixel, o agrupamento de regiões com características homogêneas para que posteriormente o usuário indique as amostras (regiões) pertencentes a cada classe de uso do solo.

O mapa de zoneamento de uso e ocupação do solo urbano (Figura 19) foi extraído do Plano Diretor Municipal de Douradina e adaptado no *software Corel Draw X3*.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 6.1 Geografia do município de Douradina

O município de Douradina está inserido na Mesorregião Noroeste do estado do Paraná, encontra-se a uma altitude média de 406 metros, tem como coordenadas geográficas o paralelo de 23°11'54" e 23°30'23" de latitude sul e o meridiano de 53°23'49" e 53°10'06" de longitude oeste. Douradina faz limite com os municípios: ao Norte, Santa Cruz do Monte Castelo e Santa Isabel do Ivaí; ao Sul com Maria Helena e Umuarama; ao Leste, Tapira; e ao Oeste, Ivaté.

De acordo com o IBGE, Douradina contava, em 2010, com uma população de 7.445 habitantes e possui uma área total de 419,854 km<sup>2</sup>. Cerca de 70,3% da população vive na zona urbana e 29,7% na área rural. O Município possui dois distritos: Jardim Indo Ivaí, localizado aproximadamente, 7 km da sede e Vila Formosa, que está a, aproximadamente, 10 km da sede.

Quanto aos aspectos físicos, o substrato rochoso do município é da Formação Caiuá, arenitos formados na era Mesozóica nos períodos Juro-cretácio (GASPARETTO, 1999; NAKASHIMA, 2000).

O sistema pedológico predominante da região do município é descrito por Nakashima (2000) como: nas altas vertentes e posições dos interflúvios o Latossolo Vermelho com textura variando de arenosa à média, na média e baixa vertente o Argissolo Vermelho Amarelo com textura arenosa e, na baixa vertente e /ou próximos às principais drenagens aparecem os solos hidromórficos e solos de origem coluvial e aluvial.

Os solos do município apresentam suscetibilidade à erosão, e além da sua fragilidade natural, a região da Formação arenito Caiuá é conhecida pelas feições erosivas causadas pela ação antrópica indevida. Segundo Gasparetto (1999) a ocupação dessa região foi marcada por um intenso desmatamento da vegetação nativa, inclusive da mata ciliar, o que expôs a camada superficial do solo que apresenta textura arenosa, com baixos teores de argila (Embrapa, 1984). Isso contribuiu para a intensificação dos processos erosivos como ravinamentos, voçorocas, movimentos em massa dos solos, erosão laminar (Figura 01 e 02).



Figura 01: Problemas erosivos na área urbana do município. Fonte: Jéssica Barion Monteiro, 2012.

A figura 01 apresenta problemas erosivos de uma área conhecida popularmente no município como “Buracão”, voçoroca com mais de 15 metros de profundidade, localizada próximo a uma nascente, no curso do Córrego da Onça, zona urbana do município. Há presença de espécies de vegetação invasora no interior da voçoroca e pastagens para criação de gado no seu entorno, situação esta que propicia o aumento dos processos erosivos nesta área.



Figura 02: Problemas erosivos na área rural do município. Fonte: Jéssica Barion Monteiro, 2012.

A figura 02 apresenta problemas erosivos próximos a uma área utilizada para agricultura, localizada no distrito de Vila Formosa. A imagem 01 apresenta no primeiro plano, solo exposto, recentemente revolvido no preparo para a plantação de mandioca. No segundo plano, na área em destaque observa-se um ravinamento, que foi ampliado na imagem 02.

O uso inadequado dos solos do arenito Caiuá e as consequências do processo erosivo nas áreas cultivadas com pastagens, cafeeiros e lavouras anuais sem a conservação adequada pela falta de práticas conservacionistas de solo são relatadas desde o primeiro mapeamento preliminar dos solos do Noroeste do Paraná (BRASIL, 1973).

A expansão das pastagens nesta região se deve às características químicas e físicas dos solos que são constituídos de materiais arenosos, sendo, portanto pobres e susceptíveis à erosão, que torna o manejo para a agricultura intensiva pouco viável.

O clima predominante na região segundo a classificação de Köppen (1948) é subtropical úmido mesotérmico (Cfa), apresentando verões quentes e geadas pouco frequentes.

Quanto a vegetação original de Douradina, compõe o Bioma Mata Atlântica, recoberto primitivamente pela floresta latifoliada tropical, (floresta estacional semidecidual). Apresentava-se quase sempre densa e formada por árvores com 25 a 30 metros de altura, dentre os quais se destacam: perobas, cedros brancos, paus d'alho, figueiras brancas, ipês e uma grande quantidade de palmáceas com maior destaque para o palmito. Atualmente, podem ser encontradas no município pequenas áreas com mata de reserva nativa, e também algumas áreas de reflorestamento, na maior parte de espécies exóticas como eucaliptos.



Figura 03: Área de reserva conhecida como “Matão”, localizado próximo ao distrito de Vila Formosa. Fonte: Jéssica Barion Monteiro, 2012.

O município de Douradina está inserido no complexo da bacia do Rio Ivaí, sendo banhado, ao norte, por esse rio, por uma extensão, aproximada, de 25 km. Tem como seu rio principal o Rio das Antas, que nasce no município de Maria Helena e adentra o município de Douradina, percorrendo uma extensão de, aproximadamente 50 km, servindo como limite territorial, ao Leste, com o município de Tapira, até desaguar no Rio Ivaí. Outro rio de destaque para Douradina é o Rio Indoivaí, o qual tem sua nascente nos limites do Município, formados por diversos arroios. Estende-se por aproximadamente 30 km, servindo como limite territorial, a Oeste, com o município de Ivaté. O Rio Indoivaí é conhecido popularmente por “Rio do Índio”, por causa dos índios Xetá que viviam em suas margens.

## 6.2 Aspectos Históricos

Na década de 1950, na Gleba nº 8, da Comarca de Peabiru (hoje, Comarca de Umuarama), surgiu no noroeste do estado do Paraná um novo povoado, fundado pelo pioneiro Antônio Lustosa de Freitas, que no dia 25 de junho de 1952, veio com sua família e mais 22 homens para residir como capataz em uma área de florestas a pedido de seu tio, Deputado Antônio Lustosa de Oliveira. O deputado tinha 2.000 alqueires de terra que adquiriu através

da permuta feita com o Governo do Estado, nos campos de Guarapuava, a qual doou ao Sr. Freitas 55 alqueires, que mais tarde denominou-se de "Fazenda Santa Rosa". Esta fazenda foi instalada nas imediações do córrego Peroba, afluente da margem direita do Indoivai, próximo a atual cidade de Douradina, região conhecida na época como Serra dos Dourados. Em seguida outras famílias vieram para colonizar a região, como a do Sr. Salvador Lopes Gomes e a família de Eduardo Ribeiro de Oliveira.

O Sr. Salvador Lopes Gomes, ex-vereador de Maringá-PR nos anos 1950, havia adquirido 1000 alqueires de terras próximas ao rio Ivaí através de empréstimo bancário em Curitiba e seu objetivo era lotear e vender essas terras. Foram então demarcados os 1000 alqueires em lotes de aproximadamente 15 alqueires para serem vendidos aos meeiros da região de Maringá e São Jorge do Ivaí, sendo que o projetista responsável para fazer todo levantamento de córregos e espigões foi o engenheiro Shoji Sato. Em seguida, o Sr. Salvador adquiriu mais 1100 alqueires ao lado do primeiro, onde demarcou os sítios, e na parte alta reservou 43 alqueires onde foram projetadas as ruas e avenidas da cidade.

Nesta época, vieram vários empreiteiros para derrubar as matas e construir a cidade, a maioria deles trouxeram suas famílias, construíram suas casas e acabaram se tornando os primeiros moradores de Douradina (Figura 04). Segundo a pesquisa realizada por Costa, (1998), as famílias pioneiras de Douradina foram as de Antônio Lustosa de Freitas, João Vieira do Prado, Francisco Barroso, Salvador Lopes Gomes, Mário Issahó, Eduardo Ribeiro de Oliveira, João Corsine, Anacreto Romero, Benedito Pasciente, Antônio Ramalho, Sanches do Lago, Bélgico Antônio Maragno, Tibúrcio, Chimada, Bucioli, Sebastião Clemente, João Azur, Euclides João Leite, José Domingos, Bessegato, Oliver, Cazuzza, família Gil, entre outras. Muitos familiares destes pioneiros residem no município até hoje.

O nome do município advém da gleba Serra dos Dourados, e foi escolhido pelo Sr. Salvador Lopes Gomes, com ajuda do Sr. Eduardo Ribeiro e o professor Ari de Lima de Maringá. Eles ficaram em dúvida quanto ao nome "Douradina" ou "Douradinha" que estavam relacionados a "Serra dos Dourados" e acabaram optando pelo primeiro.

Douradina foi fundada em 17 de janeiro de 1979, através da Lei Estadual n.º 7.107 e foi emancipada politicamente do Município de Maria Helena em 01 de fevereiro de 1983, teve seu primeiro prefeito, Manuel Ribeiro de Oliveira, eleito pelo voto direto.



Figura 04. Foto dos pioneiros e colonizadores de Douradina.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Douradina

Os próprios pioneiros da cidade construíram a primeira igreja, feita de palmito, com 12 metros quadrados e que foi inaugurada com a celebração da primeira missa (Figura 05), celebrada pelo Frei Estevão de Maria, que vinha de Cruzeiro do Oeste a cada dois meses, devido ao difícil acesso.



Figura 05: Foto da primeira missa onde hoje se localiza a igreja Cristã.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Douradina

### 6.3 Os primeiros habitantes

A área do município de Douradina era conhecida como região da Serra dos Dourados que foi uma das últimas a serem colonizadas no estado do Paraná. Originalmente o que se encontrava na região, era uma densa floresta tropical intocada pela colonização, habitada somente pelos índios da tribo Xetá, que segundo os antropólogos do Museu Paranaense, podem ser considerados como único povo genuinamente paranaense (MARANHÃO, 2012).

Historicamente, o primeiro contato oficial dos índios Xetá com os brancos aconteceu em 1954, quando um grupo de índios emergiu da densa floresta para tentar estabelecer o primeiro contato com brancos, o Sr. Antônio Lustosa de Freitas e seus familiares na fazenda Santa Rosa (Figura 06). Mais tarde a propriedade se tornou ponto de referência para o estudo da etnia Xetá.

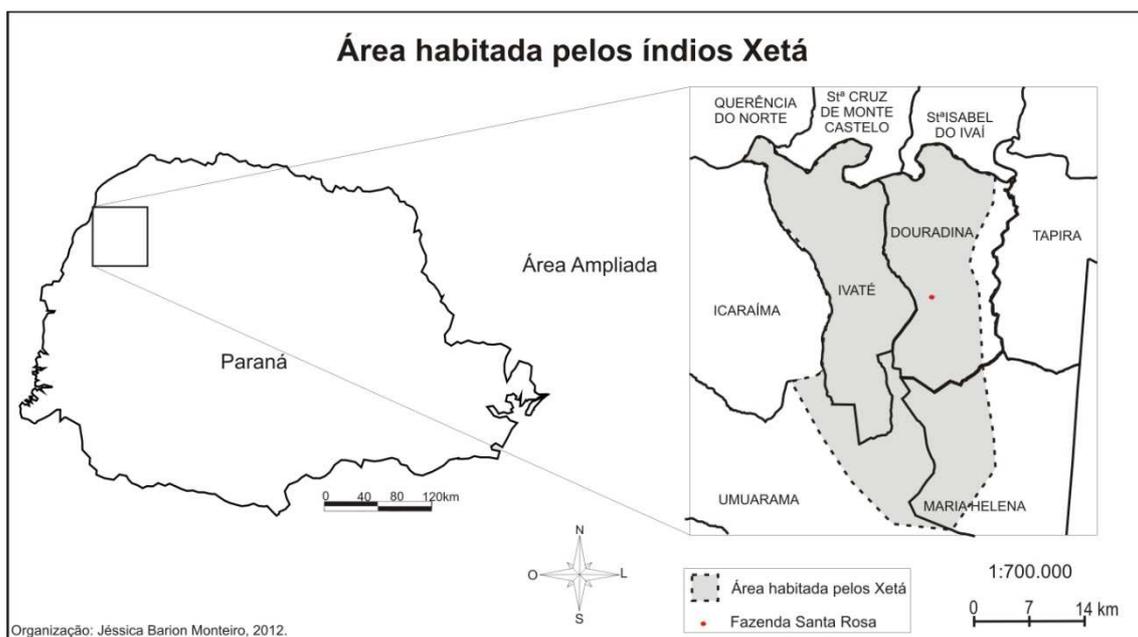


Figura 06: Mapa de localização da área onde foram encontrados vestígios de ocupação pelos índios Xetá. Organização: Jéssica Barion Monteiro, 2012.

Embora o primeiro contato direto dos Xetá com os brancos tenha se dado oficialmente em 1954, as evidências de sua presença na região já eram registradas pelas frentes de colonização desde o final da década de quarenta. Na ocasião, 1949, e posteriormente em 1951 e 1952, a 7ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), com sede em Curitiba, enviou funcionários ao local no intuito de que o grupo fosse localizado. Porém, nenhum dos enviados alcançou êxito em sua missão, apesar de haverem comprovado a

presença indígena no local através de diferentes vestígios, como por exemplo, aldeias recém-abandonadas e objetos de cultura material. Neste último ano, dois meninos foram capturados por agrimensores que atuavam na região e levados para Curitiba, onde foram criados pelo inspetor do SPI.

A partir de 1955, o departamento de pesquisa da Universidade Federal do Paraná, juntamente com o SPI, organizou várias expedições na região, coordenadas pelo professor e antropólogo José Loureiro Fernandes, que contou com a ajuda do Sr. Antônio Lustosa de Freitas, para tentar manter contato com os Xetá e descobrir como eram os costumes e como vivia esse grupo indígena. O cineasta tcheco Vladimír Kozák efetuou registros destes índios através de filmes, fotografias e desenhos, os quais constituem acervo do Museu Paranaense.



Figura 07: Na foto o Senhor Antônio Lustosa de Freitas (esquerda) e alguns índios Xetá em expedição para descobrir novos acampamentos.

Fonte: Prefeitura Municipal de Douradina.



Figura 08: Expedição aos Xetá.  
Fonte: Museu Paranaense.



Figura 09: Cineasta tcheco Vladimír Kozák ao lado de um índio Xetá.  
Fonte: Museu Paranaense.

Os funcionários do SPI, alguns professores da Universidade Federal do Paraná e outros defensores dos índios, acreditavam que a única solução para a preservação da etnia Xetá seria a criação da Reserva Florestal da Serra dos Dourados.

Ainda em 1955, o deputado Antônio Lustosa de Oliveira, também proprietário da Fazenda Santa Rosa, propôs a criação de uma reserva florestal estadual com um local

reservado aos Xetá. A área então indicada para reserva abrangeria uma parte do território tradicional Xetá. A proposta, mesmo aprovada pela Assembléia Legislativa, foi vetada pelo Governador do Estado do Paraná, Moysés Lupion, sob a justificativa de que o estado não dispunha de terras. Mais tarde em 30 de maio de 1961, foi instituído o Decreto Presidencial n.º 50665 que criou na região de Guaíra, o Parque Nacional de Sete Quedas, para onde seriam agrupadas tribos indígenas de etnias diferentes.

Por ser uma região distante da origem dos índios Xetá, a tribo permaneceu na Serra dos Dourados, que passou a pertencer aos cafeeiros.

Aos poucos, os Xetá foram contaminados por doenças transmitidas pelos colonizadores, as mortes foram provocadas por intoxicação alimentar, envenenamentos, doenças infecto-contagiosas como gripe, sarampo e pneumonia, extermínio com armas de fogo e queimas de aldeias, rapto de crianças, entre outras ações dos invasores de seu território de origem. Daqueles Xetá que evitaram a aproximação com os brancos não se teve mais notícias a partir de 1961.

Apesar da luta dos indigenistas Deoclaciano de Souza Nenê, Dival José de Souza e Durval Antunes Machado, do professor Loureiro Fernandes, dos sertanejos Antonio de Freitas e Pedro Nunes, do deputado Antônio Lustosa de Oliveira, o grupo de cerca de 300 índios foi praticamente dizimado.

Na opinião de Silva (1999) os trágicos efeitos da política colonizadora do governo do estado do Paraná na região da Serra dos Dourados somados à omissão e negligência do SPI, no que tange à sua competência enquanto órgão de assistência e proteção aos povos indígenas, resultou na perda do território tradicional Xetá e na extinção da sociedade, da qual sobreviveram apenas alguns indivíduos.

Sua organização sociocultural foi quase que totalmente destruída, e seus sobreviventes vivem hoje dispersos em meio às outras etnias, desterritorializados e distantes do convívio cotidiano de sua etnia.

Atualmente a única Xetá autêntica que reside na região é Maria Rosa do Brasil Tiguá que foi adotada ainda quando criança pela família Freitas. Tiguá como é conhecida, mora em Umuarama com sua filha Indianara do Brasil Tiguá.

Segundo o relato de Maranhão (2012), antropóloga do Museu Paranaense, os Xetá são vítimas do extermínio gerado pela expansão cafeeira e desaparecem do cenário paranaense. Sobreviveram alguns indivíduos (crianças e jovens), transferidos do seu território, retirados do convívio de seus familiares e de seu referencial cultural, criados por famílias brancas que

habitavam diferentes pontos do estado do Paraná, e encaminhados a alguns a postos indígenas. Os últimos seis remanescentes Xetá, e seus descendentes, únicos considerados genuinamente paranaenses, anseiam por reunirem-se novamente em território próprio. De acordo com a Fundação Nacional do Índio, a Terra Indígena Xetá encontra-se atualmente em processo de demarcação pelo Governo Federal.

#### **6.4 Douradina mapeada**

O material cartográfico proposto neste trabalho foi elaborado para fins didáticos e contempla mapas de abordagem regional, como o mapa dos municípios vizinhos (Figura 12) e o mapa das mesorregiões geográficas do estado do Paraná (Figura 11). Em escala local, foram elaborados o mapa de localização de Douradina (Figura 10) o mapa da área urbana e rural (Figura 13), mapa de hidrografia (Figura 14), mapa do relevo (Figura 15), mapa das curvas de nível (Figura 16), mapa de uso do solo em 1985 (Figura 17), o mapa de uso do solo em 2011 (Figura 18) e o mapa de zoneamento de uso e ocupação do solo do área urbana (Figura 19).

É fundamental, portanto, ao se trabalhar com mapas de escala local e regional, promover a articulação entre os conceitos geográficos, relacionando o espaço geográfico à paisagem, ao lugar, ao território, à região, com todas as escalas de análise. Portanto, é importante refletir sobre o conceito de paisagem como “Tudo aquilo que vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem [...] Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1988, p. 61).

Em resumo pode-se dizer que a paisagem de um lugar é resultado de dados físicos que decorrem da natureza, como a vegetação, o relevo, a hidrografia, o clima; mas também de outros, que são os edificados: os prédios, as ruas, os caminhos, as praças, os monumentos, os símbolos. E há as diversas histórias particularizadas, a memória, a simbologia que expressam os sentimentos, a cultura do lugar.

Associado ao uso dos mapas municipais, pode-se utilizar outras representações como desenhos ou fotografias, realizados pelos próprios alunos, que representem os aspectos trabalhados nos mapas. O olhar do aluno na forma de desenhos da paisagem que ele vê e representa é de extrema validade como caminho de tornar o aluno parceiro da elaboração da Geografia da localidade que possibilitará, desta forma, a visualização de sua interpretação do espaço onde vive, estuda e circula.

No estudo da paisagem, a análise de fotografias pode mostrar as diferentes noções de tempo, as dimensões passado/presente, seus elementos constituintes, as transformações ocorridas. A fotografia registra momentos, instantes da vida, propicia a materialização de uma paisagem, traz dados e informações, é um documento, é memória. Meios de transporte, vestuário, formas e instrumentos de trabalho, estilos arquitetônicos e urbanísticos estão entre os muitos fatores humanos/culturais presentes em fotografias de paisagem, além dos naturais, como vegetação, topografia, hidrografia e outros, de maneiras distintas em diferentes épocas e de diversos pontos de vista. (SANTOS et al., 2010, p. 47)

A leitura da paisagem, por meio de fotografias tiradas pelos alunos, é um procedimento didático rico. Inicialmente porque possibilita a observação, identificação, obrigando-os a realizar o recorte no espaço e no tempo. Muitas ações decorrentes da foto que o próprio aluno tira não é perceptível, tampouco mensurável, como a motivação que esse ato provoca, tanto para as tarefas subsequentes como a descrição e análise dos elementos que a compõem e seu arranjo, atribuindo-lhes significado. A análise comparativa, um passo importante, deve ser realizada após a descrição inicial, pois a comparação exige uma abstração do leitor. Para isso é importante que o professor oriente o olhar dos alunos para que não se limite à descrição do visível, mas sim olhar e avançar para a interpretação dos elementos invisíveis dessa aparência, reconhecer os interesses envolvidos, as motivações, a capacidade de articulação das pessoas do lugar, significando que podemos ler para além da paisagem que se avista.

A seguir, serão apresentados os mapas e algumas considerações e sugestões de como utilizá-los em sala de aula.

#### **6.4.1 Localizando Douradina**

Ao abordar o tema “Localizando Douradina” pode-se utilizar o mapa de localização de Douradina (Figura 10), o mapa dos municípios vizinhos (Figura 12), e o mapa das mesorregiões geográficas do estado do Paraná (Figura 11). É importante que o professor trabalhe os conceitos de Região e Regionalização de modo a deixar claro que uma região não é estática e pode ocorrer subdivisões ou inserções no processo de uma regionalização.

No caso do tratamento do conceito de região, é importante apresentar mapas que demonstrem diferentes propostas de regionalização, seja do município, estado, país, continente ou mundo; estudar os diferentes critérios utilizados nessas regionalizações e seus problemas (o que tais regionalizações omitem?); apresentar mapas que demonstrem a evolução do uso de um mesmo território ao longo dos anos e a implicação disso na regionalização; estudar como cada lugar espacializa uma mesma ordem externa a ele, ou seja, que apesar da tendência de homogeneização do

espaço, cada lugar reage de forma diferente a essa força e se produzem particularidades (CAMPOS & BUITONI, 2010, p.106)

Semelhantemente, as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná orientam que ao trabalhar com o conceito de região, é importante que o professor “propicie a compreensão do fenômeno regional num processo histórico e social responsável por diferenças entre áreas, em diferentes escalas. Ainda é importante que os alunos compreendam a regionalização como um recorte de uma totalidade social” (PARANÁ, 2008, p.59).

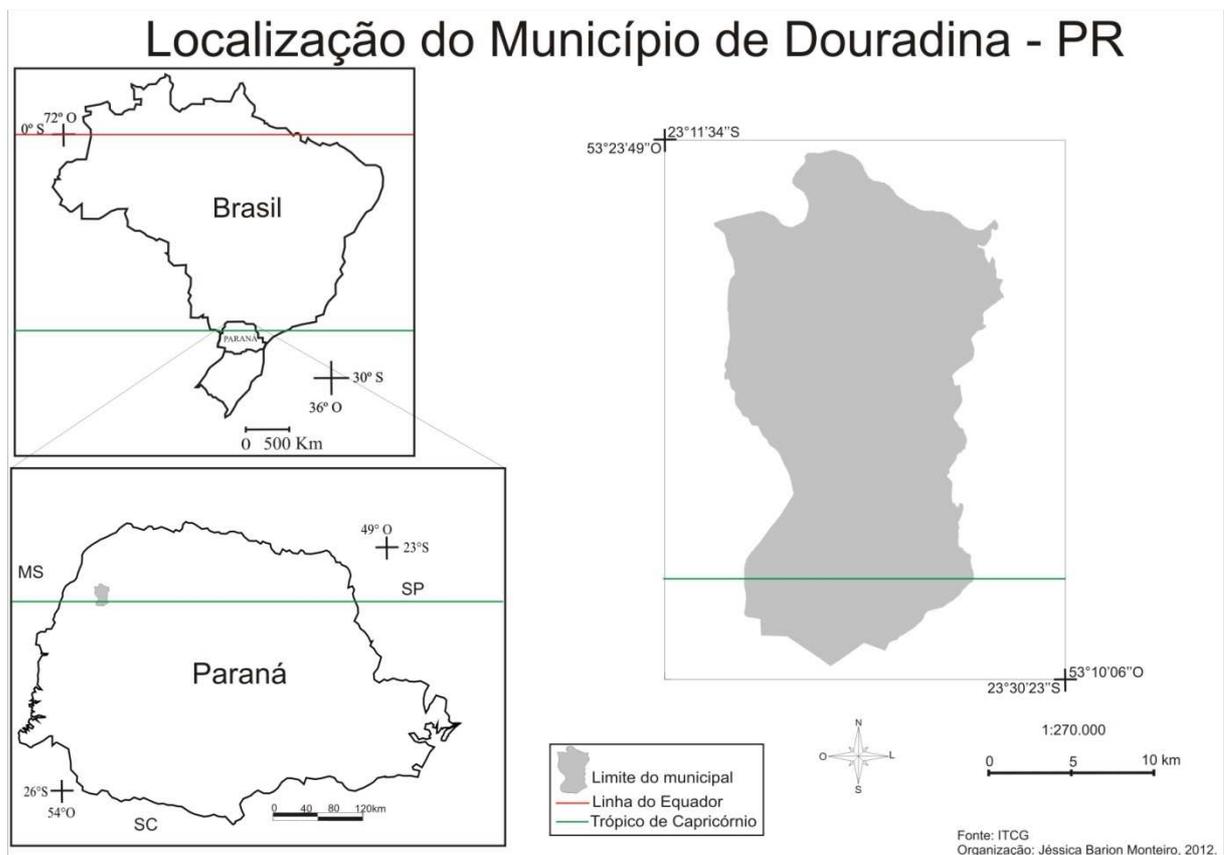


Figura 10: Mapa de localização do município de Douradina.

No mapa de localização do município de Douradina é possível trabalhar o município inserido em outras escalas, para isso, pode-se utilizar o planisfério, o mapa da América do Sul, e o mapa político do Brasil para contextualizar o município em escala global. É importante retomar explicações referente as coordenadas geográficas, paralelos e meridianos.

O Google Earth<sup>3</sup> é uma ótima ferramenta para se trabalhar coordenadas. Esta ferramenta possibilita uma viagem virtual, principalmente nas análises de escalas geográficas.

<sup>3</sup> Google Earth é um programa de computador cuja função é apresentar um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de mosaico de imagens de satélite. O programa permite que você viaje pelo mundo

É possível passar da perspectiva da escala local com as visões das ruas e praças da cidade para as outras escalas, municipais, continentais e de mundo. As explorações possíveis são ilimitadas, cabendo ao professor em parceria com os alunos realizar as “viagens” no plano do imaginário. Com a motivação proporcionada, o professor pode sistematizar as leituras que os alunos conseguem realizar, colocando conceitos como latitude, longitude, hemisférios entre outros.

Pode-se também fazer uma relação entre os paralelos com as zonas climáticas da Terra, ressaltando que nas zonas entre os paralelos do Trópico de Câncer (Latitude Norte 23°27' 30'') e Trópico de Capricórnio (Latitude Sul 23°27'30''), o clima é predominantemente Tropical (equatorial), quente e úmido. Já na área entre o Trópico de Capricórnio e o Círculo Polar Antártico (Latitude Sul 66°33'), encontra-se a zona temperada do sul, onde se predomina o clima subtropical, com duas estações definidas, verões brandos e invernos mais rigorosos, devido a interferência das massas de ar frio vindas do Pólo Sul.

Especificamente, o município de Douradina é cortado pela linha imaginária do Trópico de Capricórnio (latitude de 23° 27' 30''), localizando-se portanto entre as zonas climáticas: tropical e temperada.

#### **6.4.2 Mesorregiões Geográficas do Estado do Paraná**

O mapa das Mesorregiões Geográficas do Estado do Paraná (Figura 11) pode ser utilizado ao se trabalhar o conceito de região, relacionando-o aos conceitos de território e lugar.

O IBGE é o órgão que elabora divisões regionais do território brasileiro, com a finalidade básica de viabilizar a agregação e a divulgação de dados estatísticos, dando subsídios a empresas e órgãos tanto governamentais como privados que realizam pesquisas de fins econômicos ou científicos.

O Brasil pode ter várias perspectivas de divisão regional e segundo os estudos do IBGE, o Brasil está dividido em mesorregiões e micro regiões geográficas. A menor unidade territorial para a composição dessas subdivisões é o município, que por sua vez é uma unidade político-administrativa. Assim sendo, um conjunto de municípios forma uma microrregião e um conjunto de microrregiões forma uma mesorregião. Cada estado da federação brasileira

---

por meio de um globo virtual e visualize imagens, mapas, terrenos, construções em 3D. Com isso, é possível identificar lugares, construções, cidades, paisagens, entre outros elementos. Com o rico conteúdo geográfico do Google Earth, você pode ter uma experiência muito mais realista de visualização do mundo.

está subdividido em mesorregiões. Não existem mesorregiões que pertençam a mais de um estado e nem municípios que pertençam a mais de uma microrregião. Utilizando outros mapas que expressam diferentes formas de divisão regional é possível fazer uma análise comparativa dos critérios de regionalização. É importante deixar claro que existem outras divisões regionais que levam em consideração aspectos humanos, físicos, sócio-culturais que extrapolam os limites territoriais oficiais.

Nas discussões em sala de aula, o professor deve possibilitar a participação do aluno que pode relatar suas experiências de cruzar os limites da cidade para que haja conexão com a realidade e principalmente para que o aluno perceba que na Geografia, todos os conceitos trabalhados fazem parte da vivência cotidiana e não é uma mera frase ou traçado no mapa. Pois, neste nível de ensino, o aluno está construindo os conceitos e para ele o significado construído deve passar para as diversas etapas de simbolização.



Figura 11: Mapa das Mesorregiões Geográficas do Estado do Paraná.

### 6.4.3 Municípios vizinhos de Douradina

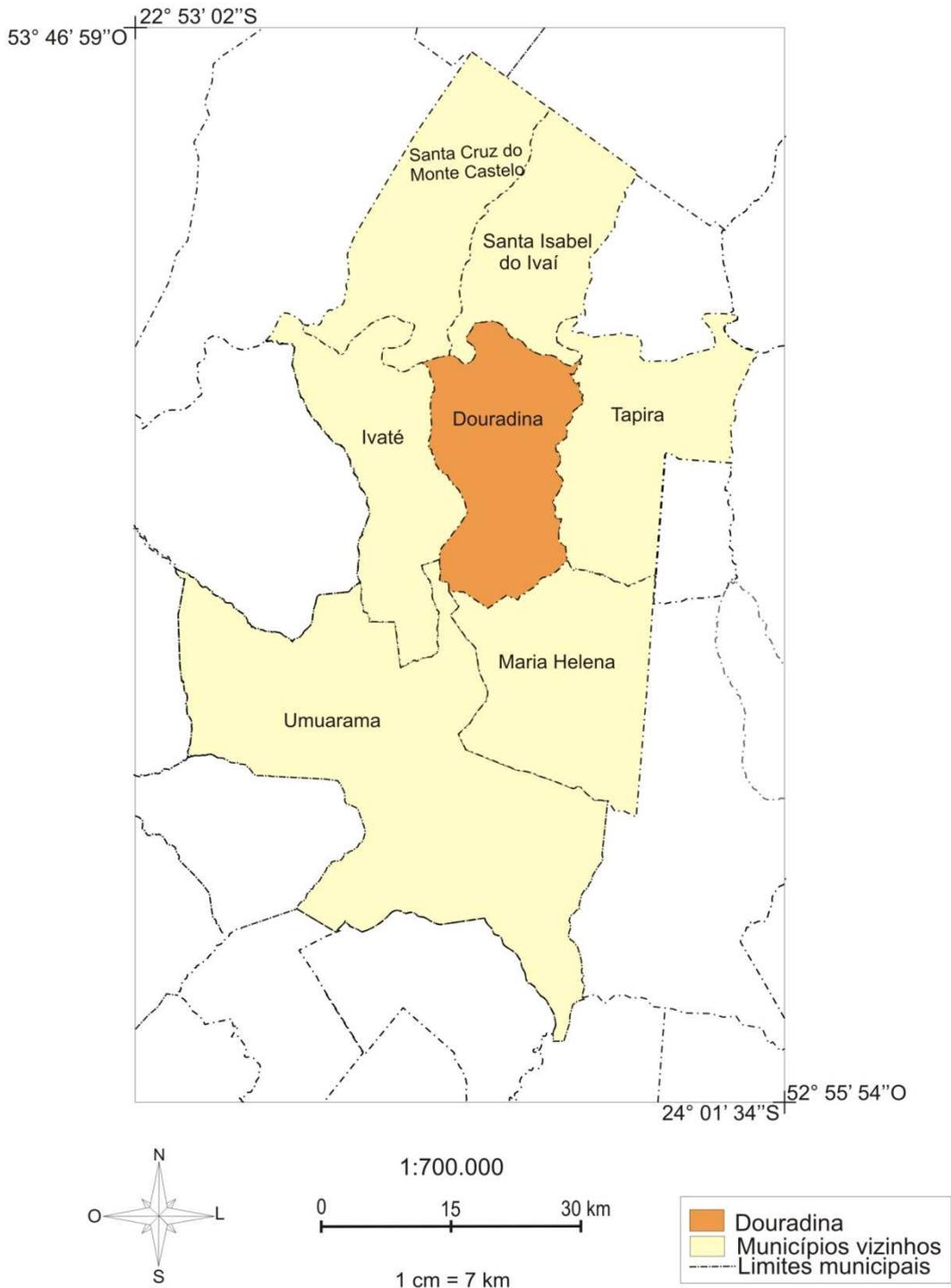
Pode-se utilizar o mapa dos municípios vizinhos (Figura 12) para apresentar os municípios que fazem limite com Douradina, trabalhando-se desta forma, a noção de espaço topológico: vizinho, não vizinho, próximo, distante, dentro, fora. É possível analisar a localização de Douradina, através da identificação de sua posição em relação a esses municípios vizinhos, utilizando-se a rosa dos ventos para orientação e localização dos municípios vizinhos. (Tapira fica a Leste de Douradina, etc.).

Os mapas devem ser trabalhados de forma que o aluno perceba a dinâmica no espaço. Os alunos podem representar os eventos vivenciados, compondo uma legenda conforme discussão com colegas que comunique os acontecimentos de forma clara e sem ambiguidades. Neste sentido, a legenda foge à convenção e será o significante que os alunos elegem para comunicar o significado, transitando, portanto, do conteúdo para a sua representação.

Segundo Almeida & Passini (2006, p. 33), a localização geográfica é construída à medida que o sujeito é capaz de estabelecer relações de vizinhança (o que está ao lado), separação (fronteira), ordem (o que vem antes e depois), envolvimento (o espaço que está em torno) e continuidade (a que recorte do espaço a área corresponde).

Paralelo a isso, o mapa poderá ser utilizado para visualização dos limites municipais. O que separa um município do outro pode ser um elemento geográfico como um rio, morro ou serra. Quando não há nenhum elemento geográfico natural, o limite pode ser demarcado nas latitudes e longitudes, e às vezes, placas ou monumentos indicam os limites. É importante instigar os alunos a tentarem identificar os rios que delimitam as fronteiras de Douradina com outro município, para auxiliar, pode-se utilizar o mapa de hidrografia (Figura 14) e também como se dá a ligação de Douradina através de outras redes: urbana, comercial, viária, etc.

# Douradina: Municípios vizinhos



Fonte: ITCG  
Organização: Jéssica Barion Monteiro, 2012

Figura 12: Mapa dos municípios vizinhos de Douradina.

#### 6.4.4 O campo e a cidade

O tema “campo e cidade” fazem parte do cotidiano dos alunos que podem perceber a complementaridade e a interdependência nos processos de construção das cidades e na organização do espaço rural. Para a percepção dessa relação nos espaços urbano e rural, é importante que a construção dos conceitos seja pautada em observações de campo, transitando de um a outro para abordar temas como ambiente, trabalho ou profissões e principalmente as mudanças tanto na paisagem como nas relações de trabalho que a tecnologia proporciona.

Segundo os dados do Censo Demográfico, no ano de 2010, dos 7.445 habitantes de Douradina, cerca de 70,3% vivem na zona urbana e 29,7% na zona rural. Apesar da maior parte da população residir na cidade, a produção agrícola de arroz, mandioca, soja, milho e cana-de-açúcar, e, principalmente, a pecuária exerce um papel muito importante na economia do município. Nas décadas de 70 e 80, a cultura do café foi a base econômica do município, e no gráfico 01 observa-se que ainda no ano de 1991, a população rural era mais elevada que a população urbana. A situação começou a mudar quando o Governo abancou os incentivos para a erradicação da cultura do café para dar lugar a pastagens. A partir de então, nos anos 2000 à 2010, observa-se que a população rural no município vem diminuindo.

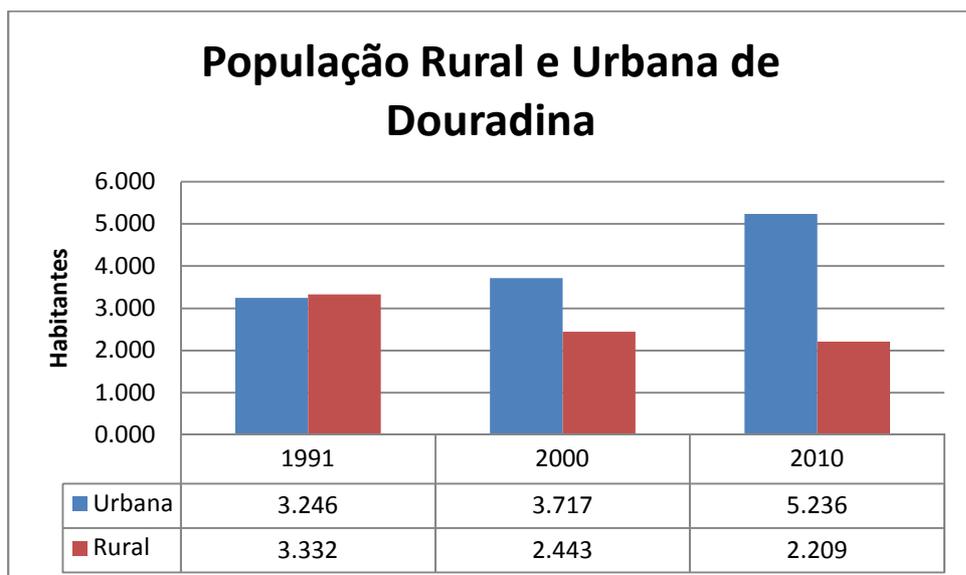


Gráfico 01: População Rural e Urbana do município de Douradina.

Fonte: IBGE - Censo Demográfico. Organização Jéssica Barion Monteiro, 2012.

As migrações do campo para a cidade foram ocasionadas por transformações econômicas, através do crescimento da indústria, da dificuldade com a produção agrícola, e também por fatores ambientais, como a exaustão do solo.

Os aspectos econômicos interferem diretamente na paisagem do município. A zona rural e a urbana têm as suas culturas próprias, mas estão cada vez mais próximas e com influências mais significativas.

Atualmente, o setor industrial de Douradina é representado por fábrica de colchões, espuma, molas, estofados, móveis tubulares, entre outras, e juntamente com o setor de comércio e serviços, constituem a base econômica do município.

O Mapa da área urbana e rural (Figura 13) também apresenta as principais vias de acesso ao município, que garantem o escoamento da produção agrícola e pecuária e viabilizam o deslocamento das pessoas. Este mapa pode ser utilizado para atividades que permitam aos alunos sentirem-se sujeitos da rede de circulação.

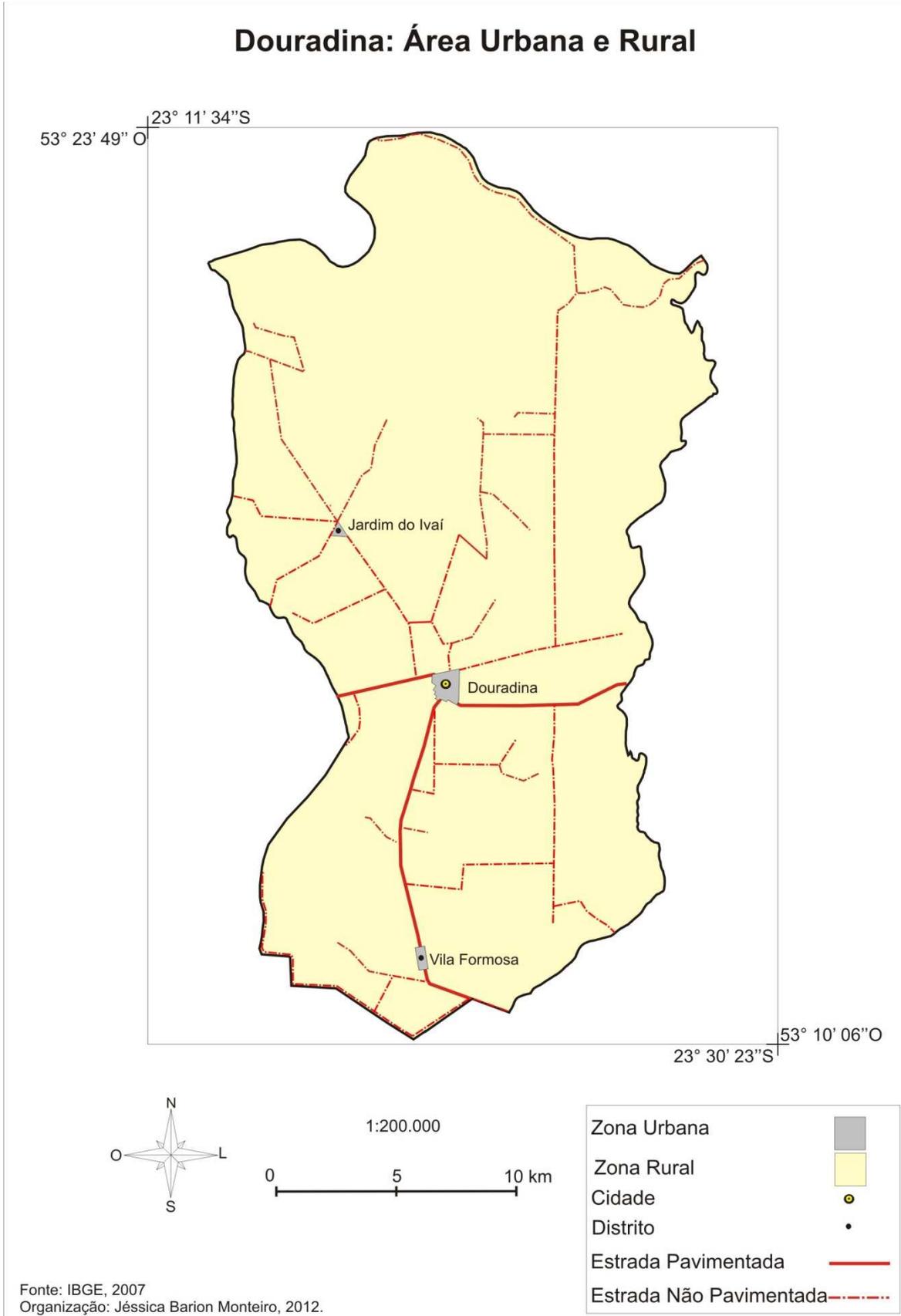


Figura 13: Mapa da área urbana e rural do município de Douradina.

### 6.4.5 Hidrografia

O mapa de hidrografia (Figura 14) pode ser utilizado em conjunto com o mapa do relevo (Figura 16) e o mapa das curvas de nível (Figura 15) para explicar a relação dos cursos d'água com o modelado do terreno. É importante que se faça o exercício de sobreposição dos mapas para que o aluno consiga ver a relação entre a topografia e a direção dos rios, identificar os divisores de água. A leitura comparativa da hidrografia e do espaço urbano possibilita aos alunos reconhecerem os rios que nascem e drenam a zona urbana. Neste contexto, é importante que as explicações referentes a bacias hidrográficas sejam retomadas para que os alunos percebam que o escoamento da água que converge para o rio, está diretamente relacionado com o modelado do terreno. Nos trabalhos de campo, é importante que haja registro fotográfico, desenhos, descrições por meio de textos para que haja reflexão e posterior análise do estado da qualidade do ambiente tanto da água como das margens dos rios e córregos.

Um curso de água surge em pontos de falha, no contato entre camadas da zona saturada e da subsaturada, quando inicia sua trajetória em direção a terrenos mais baixos. Os rios provocam erosões e sedimentações em suas margens. Nos terrenos de relevo mais acidentado, as águas correm com maior velocidade, podendo haver quedas-d'água, cachoeiras ou corredeiras, e nos terrenos de relevo mais plano, a água descreve curvas e meandros (PASSINI, 2012, p. 153).

A educação ambiental, quanto a importância da preservação da mata ciliar enriquecerá a discussão, tornando os alunos sujeitos do ambiente. Eles devem ser desafiados a analisar os níveis de preservação e degradação para conseguirem propor ações corretivas. Para isso, é importante que se organize um estudo do meio com os alunos em alguma nascente, por exemplo a nascente do córrego da Onça, conhecida como “Buracão” que fica próximo à escola, para observar o estado da preservação da área da nascente em relação a poluição, presença de vegetação, processos erosivos. A análise da erosão, ocupação das margens, prejuízo da mata ciliar deve provocar uma pesquisa para que os alunos entendam tanto os processos da natureza como aqueles causados pela ação humana, etc. Durante o caminho, ao sair da escola até chegar ao local, os alunos podem observar a topografia, se as ruas são inclinadas ou planas, e para onde vai a água da chuva, etc. Todas as observações são importantes, todos os registros devem ser considerados para que nas discussões haja informações coletadas pelos alunos, avançando do conhecimento espontâneo para um conhecimento sistematizado.

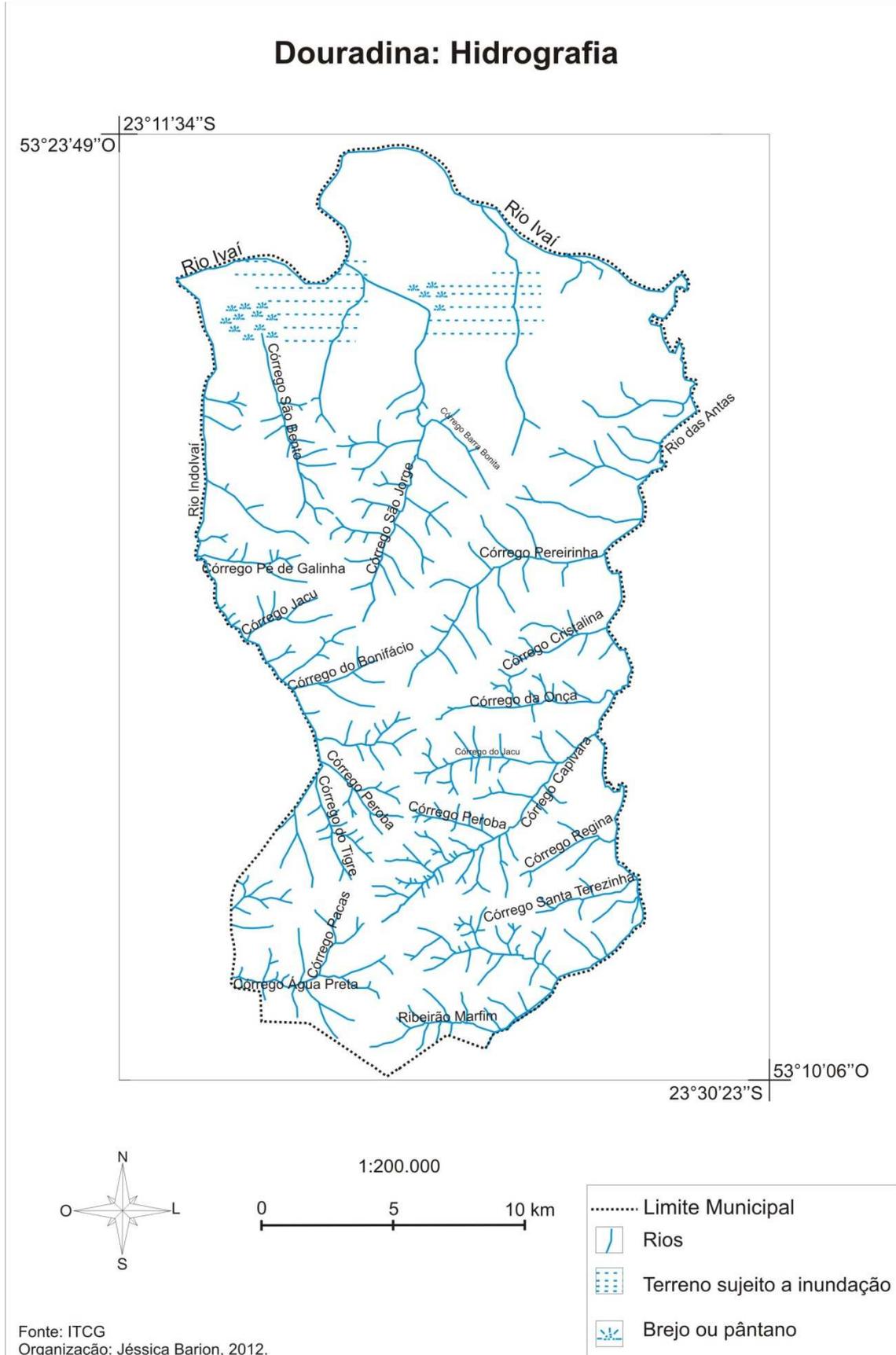


Figura 14: Hidrografia do município de Douradina.

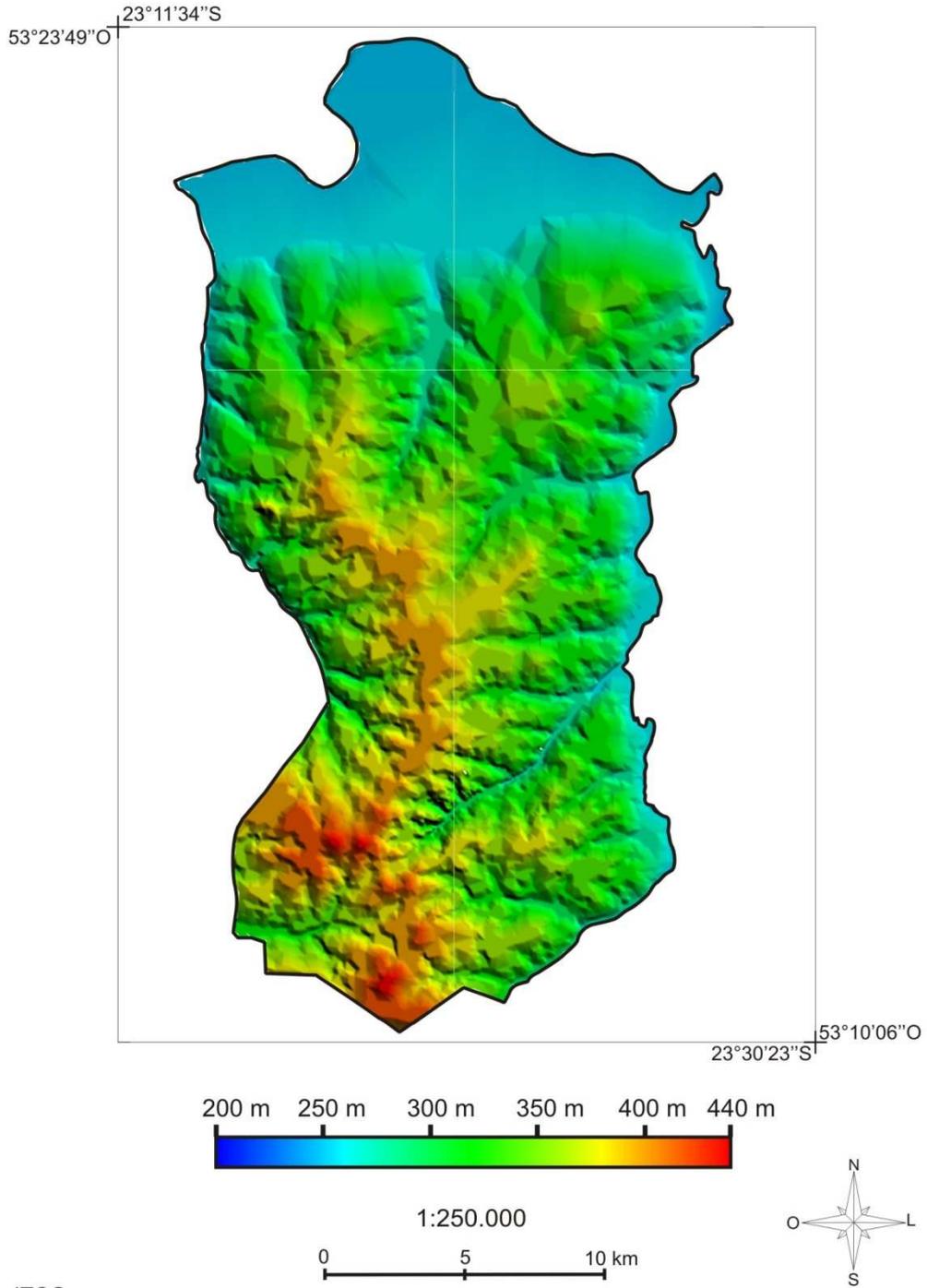
#### 6.4.6 Relevo

O mapa do Relevo do Douradina (Figura 15) foi elaborado conforme a semiologia gráfica de Bertin (1967). As cores variam conforme o valor, neste caso, expresso pelo nível de altitude. As altitudes mais elevadas estão expressas pelas cores mais escuras, que variam até chegar as cores mais claras que remetem a altitudes menos elevadas.

A classificação do relevo de Douradina varia de plano a ondulado suave e ao sobrepor o mapa do relevo com o mapa de hidrografia (Figura 14) os alunos poderão observar que os rios nascem nas áreas mais elevadas e correm em direção as áreas mais baixas. Na área próxima ao rio Ivaí, o relevo é plano, sujeito a inundações, onde se encontram as plantações de arroz.

É importante utilizar o mapa de relevo com o mapa de curvas de nível (Figura 16) para estabelecer relações entre as cores empregadas para representar as altitudes e as cotas expressadas pelas curvas de nível. A leitura desses dois mapas com a localização da cidade permite a percepção do local estratégico onde ela foi construída, em uma área elevada e plana. Além de fotos, o trabalho com desenho das crianças é importante, porque tanto a foto como o desenho obriga o autor a fazer um recorte na paisagem e a uma observação mais detalhada.

# Douradina: Relevo



Fonte: ITCG  
Organização: Jéssica Barion Monteiro, 2012.

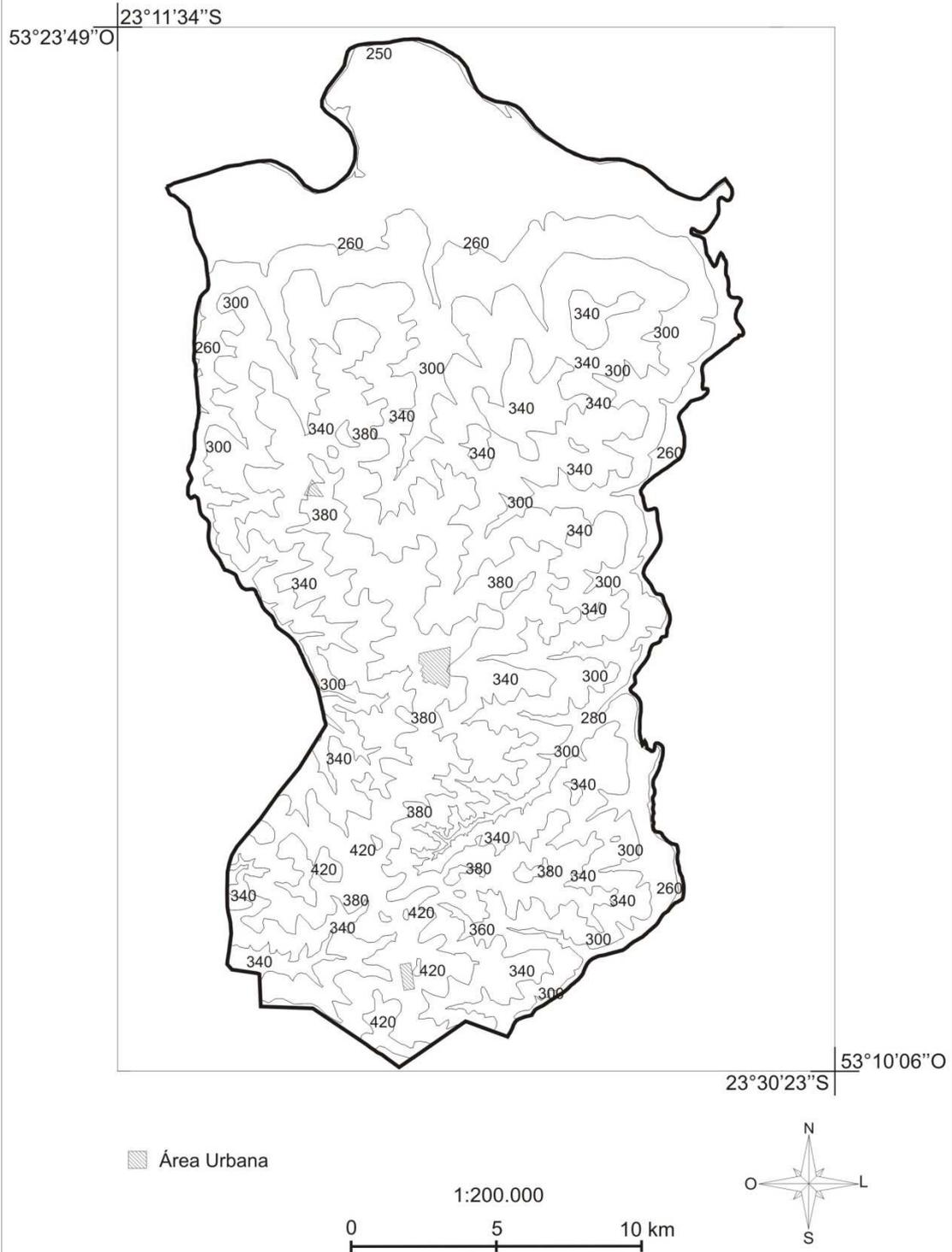
Figura 15: Relevo de Douradina

### 6.4.7 Curvas de Nível

O mapa de curvas de nível do município (Figura 16), exige que os alunos tenham possibilidade de operar comparações para conseguirem observar a relação das curvas, seus valores (altitude), com o modelado do relevo do município. Portanto, é importante que esse mapa seja utilizado juntamente com o mapa do relevo (Figura 15) para que o aluno consiga visualizar essas relações e transpor a representação do relevo no plano para uma perspectiva tridimensional. O mapa de curvas de nível auxilia também como base para a construção de uma maquete do relevo de Douradina, facilitando a transposição da bidimensionalidade para a tridimensionalidade. O trabalho com a maquete possibilitará aos alunos perceberem que as formas do relevo podem direcionar as águas dos rios, assim como distinguir as formas de ocupação nas diversas curvas de nível, os riscos de desmoronamento, a direção das águas poluídas etc. É importante que a maquete construída não seja apenas uma atividade lúdica para ser um modelo exposto, mas toda a ação deve possibilitar a construção de conceitos e leitura da paisagem. Ela deve fazer parte do acervo da sala de aula para que os fatos noticiados sejam vivenciados na maquete.

Pode-se utilizar o mapa de curvas de nível, também como base para a construção de um perfil topográfico para que os alunos visualizem a variação da altitude em outras perspectivas.

### Douradina: Curvas de nível



Fonte: ITCG  
Organização: Jéssica Barion Monteiro, 2012.

Figura 15: Curvas de nível do município.

#### 6.4.8 Uso do solo

Podem-se utilizar os mapas de uso do solo de 1985 e de 2011 (Figura 17 e Figura 18) para leituras dos fatos ocorridos no espaço urbano e rural, estabelecendo comparações. O mapa de uso do solo em duas datas permite estabelecer comparações em escala temporal, desafiando os alunos a perceberem as mudanças e as permanências. Na identificação do uso predominante no solo rural, é preciso avançar da identificação para a análise das causas e suas consequências, portanto, a percepção de que as pastagens ocupam a maior parte da área rural do município, deve desafiar os alunos à investigação das causas como análise do tipo do solo e as potencialidades das práticas agrícolas. Assim como a topografia frente à necessidade de mecanização da atualidade que permite ou não a utilização de máquinas. Na medida em que a pastagem eleva a possibilidade de erosão, a decisão torna-se complexa e é possível os alunos realizarem, uma pesquisa junto aos criadores e agricultores para entenderem o que eles utilizam como base para a tomada de decisões: tendências de mercado, capital, relevo, mão de obra etc. É importante ressaltar também que o uso de pastagens em áreas de risco, como próximo as margens dos rios, e em terrenos com declividade mais acentuada também contribui para a formação de processos erosivos, que pode ser agravado pelo pisoteio do gado. Por isso a importância da preservação e reflorestamento das APP (Área de Preservação Permanente).

Ao comparar mapas (Figura 17 e Figura 18), é importante chamar a atenção para que os alunos observem também a diferença nas áreas de Mata, sobretudo nas áreas próximas aos rios. O que aconteceu? Em 2011 a área de Mata próxima ao rio Ivaí é maior em relação a 1985. Isso também acontece em outras áreas como, por exemplo, no córrego São Jorge. O que explica isso? Um dos fatores do aumento de Mata nestas áreas é o aumento da fiscalização dos órgãos ambientais ligados ao governo e também a conscientização dos agricultores e pecuaristas quanto a importância da proteção das margens dos rios (APP). Podem-se retomar os estudos sobre a vegetação nativa do município, e fazer um paralelo ao estudo da ocupação na época da colonização em que as lavouras de café eram a base da economia do município.

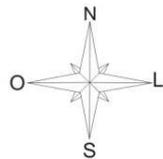
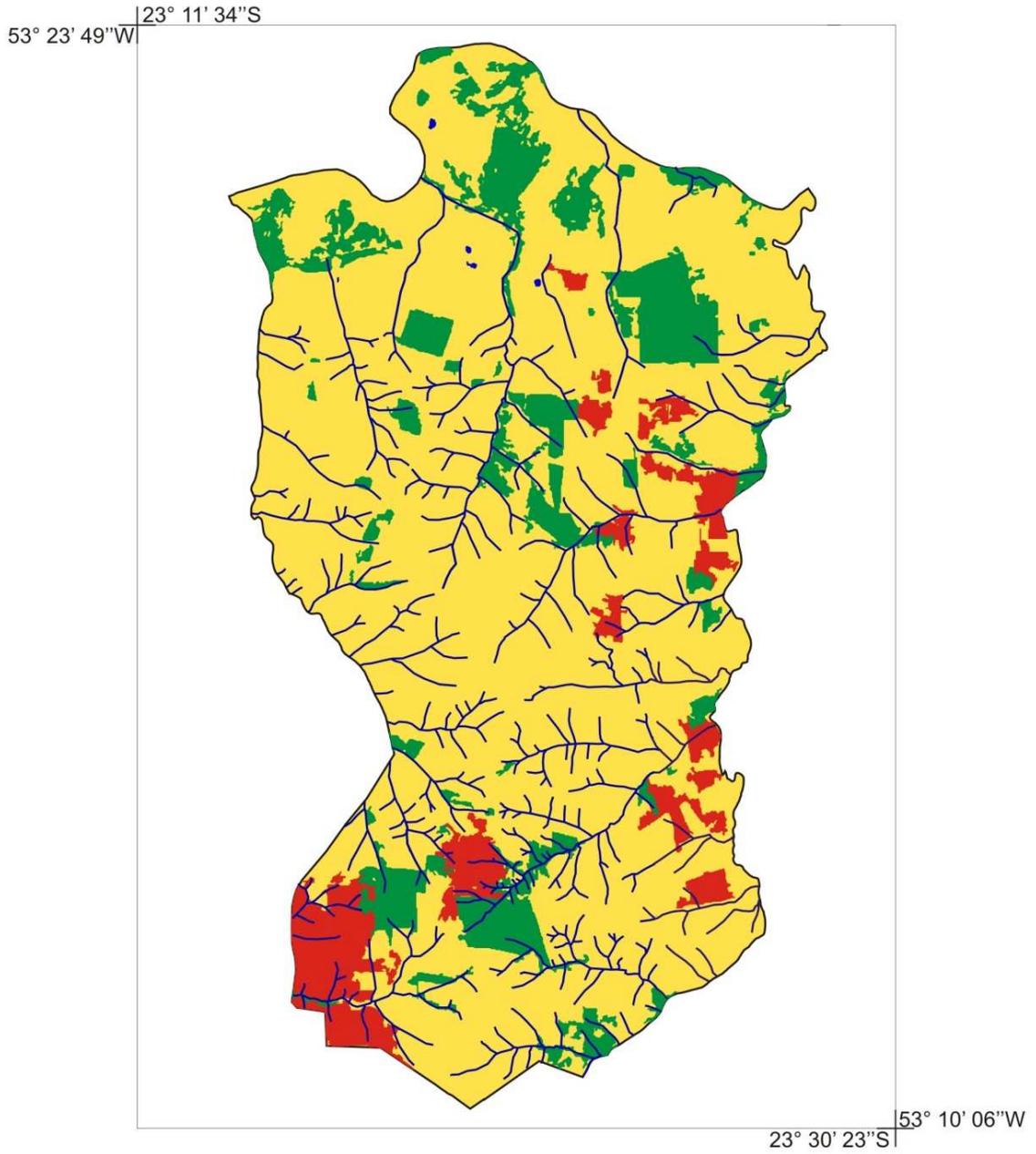
Outro ponto que merece destaque é a área ocupada pela cana-de-açúcar que só aparece no mapa de 2011. Nos últimos anos, essa atividade agrícola começou a ganhar força no município, e um dos fatores que contribuíram para isso, foram os estímulos governamentais gerados pelo Programa Nacional do Alcool – PROÁLCOOL, que acarretou recursos

subsidiados tanto para a formação de lavouras como para a implantação de usinas de açúcar e álcool (SERRA, 2010).

Isso mostra a mudança da paisagem do campo do município, na qual as áreas de agricultura familiar, com lavouras de café, milho e mandioca, cada vez mais, vêm dando lugar ao arrendamento de terras pela usina para a plantação de cana-de-açúcar.

O exercício de observação da evolução da paisagem em escala temporal, através da comparação de mapas de uso do solo pode auxiliar o aluno a estabelecer os conceitos de paisagem como algo mutável e não estático e também é um recurso para fazer uma análise quanto aos fatores ligados a atividade econômica e a produção agropecuária do município. É importante que as análises da economia sejam colocadas no nível do município para que os alunos consigam acompanhar os acontecimentos realizando associações com a vida que presenciam, no entanto, é preciso que essa análise seja ampliada para o entendimento de que nenhum fato pode ser visto de forma isolada, e que as influências do mercado-mundo mostram-se presentes na localidade.

### Douradina: Uso do Solo - 1985



1:200.000

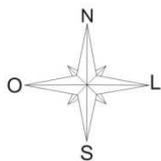
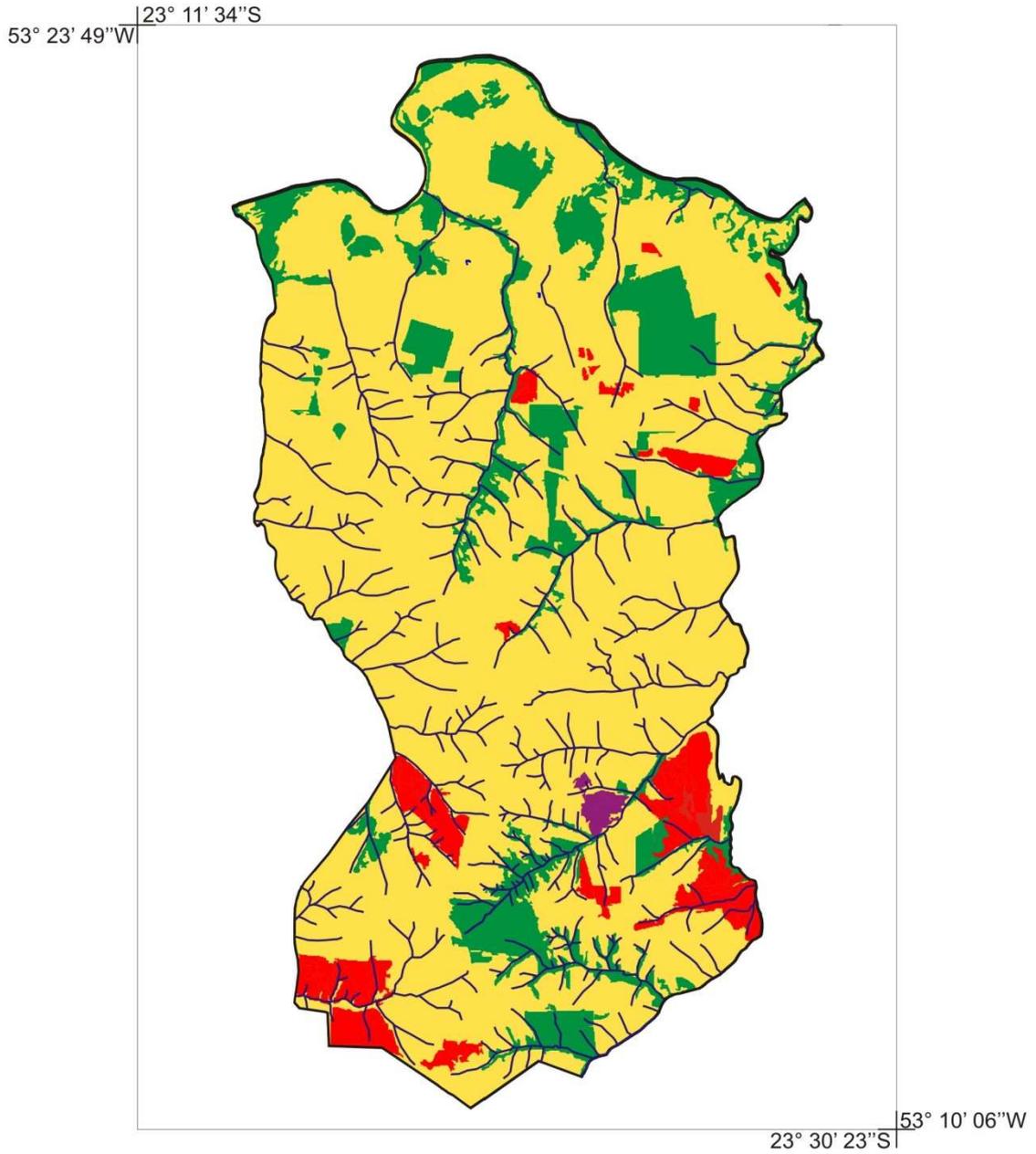
0 5 10 km

- Mata
- Culturas temporárias
- Pastagem
- Rios/lagos

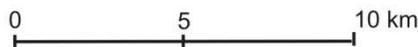
Fonte: INPE - Landsat TM 5 - 1985  
Organização: Jéssica Barion Monteiro, 2012.

Figura 17: Uso do solo do Município de Douradina em 1985.

### Douradina: Uso do Solo - 2011



1:200.000



- Mata
- Culturas temporárias
- Pastagem
- Rios/lagos
- Cana-de-açúcar

Fonte: INPE - Landsat TM 5 - 2011  
Organização: Jéssica Barion Monteiro, 2012.

Figura 18: Uso do solo do Município de Douradina em 2011.

#### **6.4.9 Zoneamento de uso e ocupação do solo urbano**

No mapa de Zoneamento de uso e ocupação do solo urbano (Figura 19) a planta da cidade de Douradina está dividida em zonas. Essas zonas foram instituídas segundo a Lei Complementar nº22 de 21 de dezembro de 2009 que dispõe sobre o Zoneamento do Uso e Ocupação do Solo do Município de Douradina. Esta lei foi uma das bases para a elaboração do Plano Diretor Municipal, instituído pela Lei Complementar nº21 de 21 de dezembro de 2009. O Plano Diretor Municipal é o instrumento legal destinado a ordenar, promover e controlar o desenvolvimento municipal, com base nas condições socioeconômicas locais.

A localização de cada zona está relacionada com o seu tipo de uso. Por exemplo, a Zona Industrial foi instalada próxima as estradas para facilitar o transporte de matéria-prima e dos produtos finais. Na Zona Central e na Zona comercial e de serviços, localizam-se os estabelecimentos necessários a população, como lojas, supermercados, farmácias, bancos, correios, prefeitura, posto de saúde e o hospital.

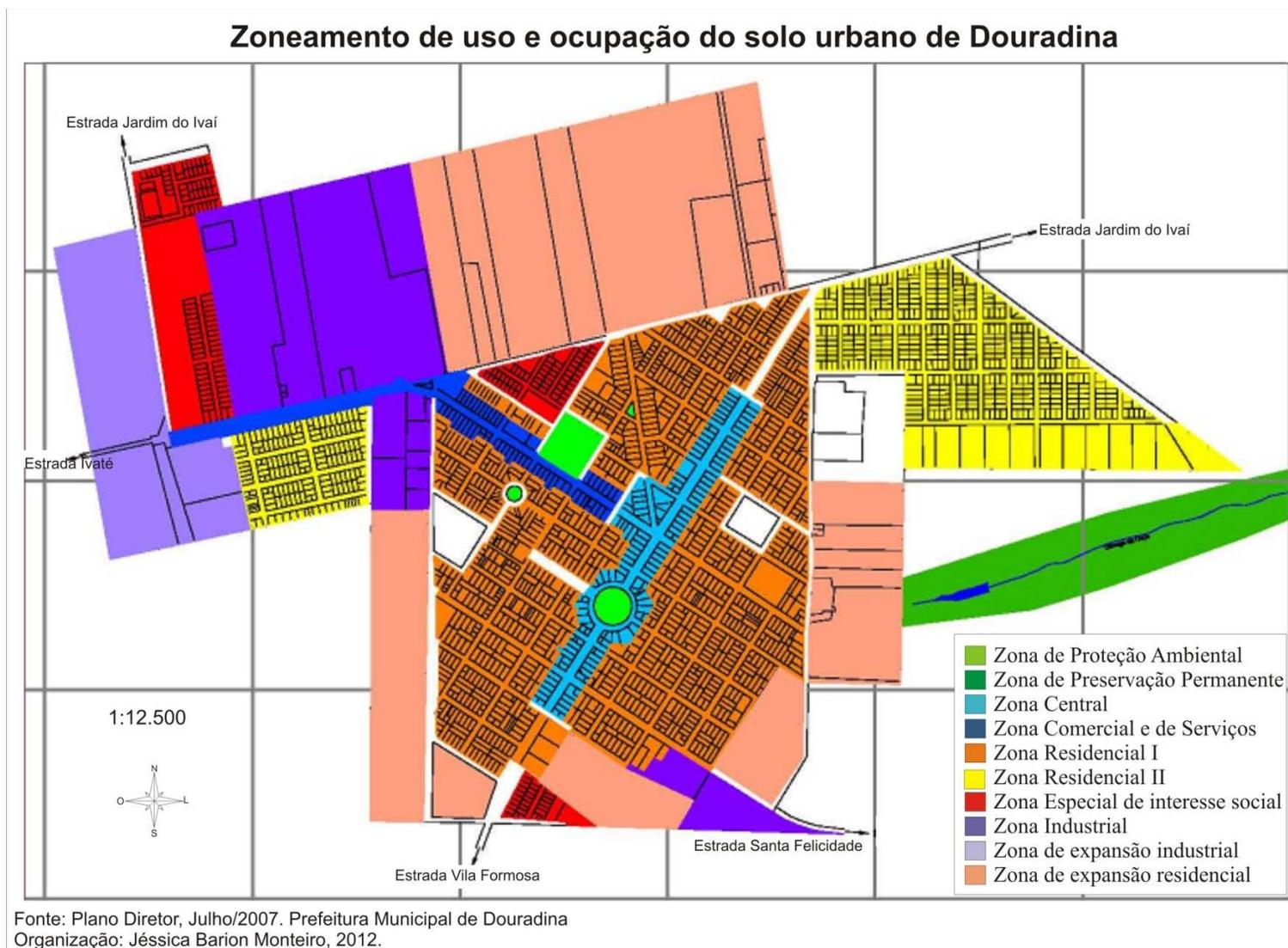


Figura 19: Zoneamento de uso e ocupação do solo urbano de Douradina. Fonte: Plano Diretor Municipal de Douradina.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia muitas vezes é entendida pelos alunos como uma disciplina cansativa e sem atrativos, visto que muitos professores ainda são adeptos de um ensino tipicamente tradicional, voltado quase que, exclusivamente, para a memorização. Esse preconceito se deve muitas vezes, as condições de trabalho do professor perante a realidade escolar, ao método utilizado no trabalho em sala de aula, e, também, aos recursos utilizados para desenvolver o conteúdo da série.

O ensino da Geografia da localidade busca chegar a um conhecimento sistematizado, partindo daquilo que os alunos já sabem, conhecem e vivenciam, contextualizando a escala local e global. Isso faz com que o aluno compreenda o seu papel no processo de construção do espaço, criando condições de construir a sua identidade e pertencimento ao lugar onde moram.

A Cartografia é compreendida como uma importante ferramenta para a exploração e apresentação de informações espaciais, entretanto, é fundamental que haja leitores de mapas qualificados ou minimamente esclarecidos para possibilitar sua execução. Desta forma, é importante que Alfabetização Cartográfica seja entendida e estudada com o mesmo cuidado metodológico com que se toma a alfabetização para a linguagem escrita.

Este material foi elaborado como recurso auxiliar para o professor na questão didática, que aborda a Geografia da localidade e utiliza produtos cartográficos de escala municipal e regional, devendo ser entendido com um material complementar do livro didático, que não tem a pretensão de substituí-lo. Contudo, como qualquer outro instrumento didático, este deve ser adequado à realidade de cada nível de ensino.

A elaboração deste material cartográfico foi o passo inicial para o desenvolvimento do projeto de elaboração do Atlas Escolar de Douradina, o que poderá contribuir para desenvolver habilidades cognitivas dos alunos através da leitura, observação e a representação espacial do município em questão.

## 8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. Atlas municipais elaborados por professores: a experiência conjunta de Limeira, Rio Claro e Ipeúna. In: **Cad. CEDES**. Campinas, v.23, n.60, p.149-168, agosto 2003a.

ALMEIDA, R. D. de, PASSINI, E. Y. MARTINELLI, M. A cartografia para crianças: alfabetização, educação ou iniciação cartográfica? **Boletim de Geografia**, v. 17, n.1. Departamento de Geografia, UEM. Maringá, p. 125-136, 1999.

ALMEIDA, R. D. de. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia. **Revista Terra Livre – Prática de ensino em Geografia**, n.8, p.83-90, 1991.

ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa. Iniciação cartográfica na escola**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ALMEIDA, R. D. de. **Uma proposta metodológica para a compreensão de mapas geográficos**. São Paulo, Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1994.

ALMEIDA, R.D. de; PASSINI, E.Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BERTIN, J. **Semiologie graphique; les diagrammes, les réseaux, les cartes**. Paris, Mouton/Gauthier-Villars, 1967.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia para.1º a 4º séries Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 71-110.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006

BRASIL. Presidência da República. **Subchefia para assuntos jurídicos**. Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul**. Projeto Noroeste do Paraná; mapeamento preliminar. Porto Alegre: SUDESUL/UFRGS, 1973. 136p.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 83-134.

CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8.

2004, Coimbra. *Anais...* Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004>>. Acesso em: 27/07/2012

CALLAI, H. C. O estudo do município ou a Geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.) **Geografia na sala de aula: práticas e reflexões**. 2.ed. Porto Alegre: AGB, 1999, p.76-80.

CALLAI, H. C.; ZARTH, P. A. **O estudo do município e o ensino de História e Geografia**. Ijuí: Libreria UNIJUÍ Editora, 1988.

CALLAI, H. C. Escola, cotidiano e lugar. In: **Coleção Explorando o Ensino – Geografia**, volume 22. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2010, p. 25-42.

CAMPOS, E.; BUITONI, M. M. S. Região e regionalização no currículo escolar. **Coleção Explorando o Ensino – Geografia**, volume 22. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2010, p. 91-112.

CARREIRO, M. S. A. Um Olhar Geográfico Sobre a Construção do Atlas Municipal e Escolar de Rio Claro. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 60, agosto 2003, p. 169-178.

CASTROGIOVANNI, A. C. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.) **Geografia na sala de aula: práticas e reflexões**. 2.ed. Porto Alegre: AGB, p.31-47, 1999.

COSTA, A. A. da. **A História do município de Douradina**. Lançamento especial, 1998.

EMBRAPA. Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos. (Rio de Janeiro, RJ). **Levantamento de reconhecimento dos solos do Estado do Paraná**. Londrina: EMBRAPA-SNLCS/SUDESUL/IAPAR, 1984, v.1 v.2, 791p.

GASPARETTO, N. L. **As formações superficiais do noroeste do Paraná e sua relação com o arenito Caiuá**. Tese (Doutorado em Geoquímica e Geotectônica)-Instituto de Geociências, USP, São Paulo, 1999.

GASPARETTO, N. L.; SOUZA, M.L. **Contexto geológico-geotécnico da Formação Caiuá no Terceiro Planalto Paranaense-PR**. ENGEOPAR, 1ed. Maringá-PR, 2003.

IAPAR- **Instituto Agrônomo do Paraná**- Dados da Estação meteorológica de Umuarama 1974-2008. Londrina, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/index.php>> Acesso em março de 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em março de 2012.

INPE. **Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais**. Disponível em: <<http://www.inpe.br/>> Acesso em março de 2012.

IPARDES. **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/>> Acesso em março de 2012.

ITCG. **Instituto de Terras Cartografia e Geodésia**. Disponível em: <<http://www.itcg.pr.gov.br/>> Acesso em março de 2012.

KÖPPEN, W. Climatologia: com um estúdio de los climas de la tierra. In: **Climatology**. Laboratory of Climatology, New Gersey, 1948.

LE SANN, J. G.; ALMEIDA, R. D. de. Cartografia na Escola. **TVE BRASIL, PGM- Atlas Escolares**, pag. 1-8, 2003. Disponível em <[www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/](http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/)> acesso em março de 2012.

MARANHÃO, M. F. C. Povos indígenas no Paraná. **Acervo Museu Paranaense**. Disponível em <<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=68>> acesso em abril de 2012.

MARTINELLI, M. **Gráficos e Mapas: construa-os você mesmo**. São Paulo, Moderna, 1998.

MARTINELLI, M. Atlas geográficos para escolares. In: ALMEIDA, R. D. (org.). **Novos rumos da Cartografia Escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Ed. Contexto, p 57-70, 2011.

MUNICÍPIO DE DOURADINA. Lei Complementar nº 21, de 21 de dezembro de 2009. Institui o Plano Diretor Municipal (PDM) do município de Douradina.

MUNICÍPIO DE DOURADINA. Lei Complementar nº 22, de 21 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o Zoneamento do Uso do Solo e a Ocupação do Solo do Município de Douradina.

NAKASHIMA, P. **Sistema Pedológico da região Noroeste do Paraná: distribuição e subsídios para o controle de erosão**. Tese (Doutorado em Geografia)- USP, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, A. R. ALMEIDA, R. D. de. O estudo da localidade através de atividades com mapas municipais no ensino de Geografia. **Revista de Iniciação Científica**, vol. 1, Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, L. de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. Tese de Livre Docência. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1978.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Geografia do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED, 2008.

PASSINI, E. Y. (Org.) **Atlas escolar de Maringá: ambiente e educação**. 124 p. Maringá: Eduem, 2006.

PASSINI, E. Y. As representações gráficas e sua importância para a formação do cidadão. **Geografia e Ensino**, v. 6, n.1, p.17-25, 1997.

PASSINI, E. Y. **Alfabetização Cartográfica e o livro didático: uma análise Crítica**. Belo Horizonte : Editora Lê, 1994.

PASSINI, E. Y. **Alfabetização Cartográfica e a aprendizagem de Geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

PEZZATO, J. P.; PASSINI, E. Y. Projetos de Elaboração de Atlas Municipais e Melhoria do Ensino de Geografia na Rede de Educação Básica. In: **26ª Reunião Anual da ANPED**, 2003, Poços de Caldas - MG: Microservice TEcnologia Digital da Amazônia LTDA, v. 1. p. 1-4, 2003.

PIAGET, J. INHELDER, B. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1997.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico**. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SANTOS, R. J.; COSTA, C. L. da.; KINN, M. G. Ensino de Geografia e novas linguagens. **Coleção Explorando o Ensino – Geografia**, volume 22. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2010.

SERRA, E. Noroeste do Paraná: o avanço das lavouras de cana e a nova dinâmica do uso do solo nas zonas de contato arenito-basalto. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de Geografia agrária**, v. 5, n. 9, p. 89-111, fev., 2010.

SILVA, C. L. da. **Povos Indígenas do Brasil: Xetá**. (1999) Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xeta/print>> Acesso em maio de 2012.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A. (org.) **A Geografia na sala de aula**. 8.ed. São Paulo: Contexto, p.92-108, 2007.

SOUZA, J. G.; KATUTA, A. M. **Geografia e conhecimentos cartográficos**. A cartografia no movimento de renovação da Geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: Editora UNESP, 2001.